

A DIFUSÃO DOS EXERCÍCIOS DIVINOS REVELADOS DE NICOLAU ESCHIO NA PENÍNSULA IBÉRICA – 1554 – 1787. UMA APROXIMAÇÃO EDITORIAL*

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO
CITCEM – UNIVERSIDADE DO PORTO
gracafreitascarvalho@gmail.com

RESUMO: Presença documentada nas correntes dos chamados «espirituais do Norte» a meados dos século XVI na Península Ibérica, até agora da tradução dos «Exercítia..» de Nicolas Eschio apenas se conheciam, avulsamente, uma meia dúzia de edições entre 1551 (Évora) e 1787 (Valencia), com particular relevo para tradução de Fr. Juan Ximénez, OFM., publicada em Valencia em 1609, com duas edições do mesmo ano, facto este que parece ter passado desapercibido até agora. O estabelecimento de mais de duas dezenas de edições localizadas em bibliotecas de Portugal e Espanha permitiu situar muitas delas nos seus contextos editoriais e, em alguns casos, nomeadamente dos da primeira edição dessa tradução, conhecer os seus primeiros leitores e mecenas.

PALAVRAS-CHAVE: Nicolau Eschio; *Exercítia*; Península Ibérica; 1554-1787.

ABSTRACT: A documented presence in the currents of the so-called 'Northern Spirituals' in the mid-XVIth century in the Iberian Peninsula, until now the translation of Nicolas Eschio's 'Exercítia ..', only half a dozen editions were widely known between 1551 (Évora) and 1787 (Valencia), with particular reference to the translation of Fr. Juan Ximénez, OFM., published in Valencia in 1609, with two editions of the same year, a fact that seems to have gone unnoticed until now. The establishment of more than two dozen editions located in libraries in Portugal and Spain has allowed many of them to be placed in their editorial contexts and, in some cases, namely those of the first edition of this translation, to meet their first readers and patrons.

KEY-WORDS: Nicolau Eschio; *Exercítia*; Iberian Peninsula; 1554-1787.

* Uma primeira versão deste ensaio foi publicada no livro de homenagem a Victor Infantes (Madrid: Visor, no prelo). Uma vez mais, não posso deixar de aqui agradecer *ab imo corde* a Marco Paulo de Oliveira Marques, Ana Martínez Pereira, Pedro Cátedra, António Castillo, Luís Fardilha, Maria Lucília Pires, José Luis Peset, Moreno Pacheco, D. Pablo Escapa (BR, Madrid), e Eugénio Santos o seu contributo de tempo, paciência e saber para estas notas, sem o qual teriam elas ficado muito mais incompletas.

I

Convirá dizer desde já que o título da obra de Nicolas Esch [N. van Essche, † 1578) – título que, como veremos, alguns engulhos parece ter criado aquando da primeira tradução espanhola dos *Exercitia quaedam pia quae compendio hominem ad vitam perfectam instituendam juvare possunt* (Antuérpia, ex Officina C. Plantini, 1569)¹ – se deve à edição que, em 1548 (Colónia, ex Officina Johannis Quentel), Lourenço Surius, a pedido de alguns amigos, deu, em apêndice aos *Exercitia de vita et passione Salvatoris nostri...* de J. Tauler, sob o título de *Exercitia alia, divina prorsus...*, o célebre Lourenço Surius, OCarth. Ao parecer, Surius utilizava, então, o texto publicado (1543) por um antigo aluno de Eschius, o jovem Pedro Canísio, o futuro santo jesuíta, em um volume de escritos espirituais – as conhecidas *Institutiones* de J. Tauler, mas, na realidade, textos de diversos autores².

Se este breve e esquemático esclarecimento nos adverte do complicado, não do complexo, da questão da difusão das obras de alguns autores espirituais do Norte europeu na Hispânia depois, *grosso modo*, de 1559 – uma difusão que, pese a censuras e a críticas, se foi esgueirando através das malhas – páginas e parágrafos antológicos – de obras como a de Louis de Blois, o Blosio consagrado pela imponente tradução de Gregorio Alfaro (Sevilla, Juan de León, 1598³) –, tal advertência permite igualmente insinuar que, verdadeiramente, essa difusão, muito especialmente a que diz respeito a N. Eschio, só começou a ser registada a partir das densas páginas que Maria de Lourdes Belchior dedicou, em 1953, à leitura e tradução dos *Exercitia divina* por Fr. António das Chagas († 1682)⁴. Efectivamente, se Pierre Groult no seu pioneiro *Les mystiques des Pays-Bas et la littérature espagnole du seizième siècle* (Louvain, 1927) não atendia à presença do autor holandês, também em ensaios posteriores apenas parece ter atendido

¹ Trata-se, ao parecer, da edição cuidada pelo próprio N. Eschio como reacção às que considerava edições feitas sem a sua aprovação, questão complexa que envolvia o por em causa a autoria do prefácio de L. Surio. AMPE, Albert – *Nicolas, Eschius*. In *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique...*, XXVIII - XXIX, Paris: Beauchesne, 1960, p. 1063.

² Para mais precisas referências a títulos e circunstâncias de difusão da obra poderão consultar-se RAM, F. X. de – *Venerabilis Nicolai Eschii vita et opuscula ascética*. Louvain, Louvain: Valinhount et socii, 1858; AMPE, Albert – *Nicolas Eschius*, In *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique...*, XXVIII - XXIX. Ed. cit., p. 1059-1066; MARTÍN, Teodoro H. – Introd. a Juan Tauler. In *Obras*. Madrid: Universidade Pontifícia de Salamanca – Fundación Universitaria Española, 1984, p. 89-91, 97-99, et *passim*.

³ Permitimo-nos remeter para as velhas páginas que a L. Blosio e à sua nunca por demais lembrada actividade de difusão de autores místicos medievais – H. Suso..., H. Herp..., Ruusbroec..., Mechtilde de Hackeborn..., Gertrudes de Helfta..., etc. – dedicamos em *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*. Porto: INIC, 1981, p.150 -182 et *passim*.

⁴ PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953, p. 335-381.

à atenção que Robert Ricard vinha dando às marcas de Eschio em Portugal⁵, sobretudo depois da investigação de Maria de Lourdes Belchior⁶. Pedro Saínz Rodríguez, se mal não lemos, tampouco parece ter focado à leitura de N. Eschio em Espanha, como aliás, foi escassa a atenção dada a outros espirituais renou-flamencos⁷. José S. da Silva Dias, em 1960, aportou, em páginas exemplares, notícias fundamentais para a leitura dos autores «espirituais do Norte» no contexto cultural da Península Ibérica, abordando, com clareza e precisão, a questão das edições de Tauler – o Pseudo-Tauler, evidentemente – e de N. Eschio no século XVI em Portugal⁸. Incidentalmente, em anos mais recentes, Teodoro H. Martin na ampla introdução que após à sua edição de *Obras* de Juan Tauler⁹ precisou alguns dados de textos do autor holandês na compilação atribuída a Tauler... as *Instituciones*¹⁰.

A maior parte, porém, dos autores que acabamos de resenhar não se ocupou da difusão editorial dessa obra de Eschio que, traduzida em número, qualidade e formato de edições, sustentou a influência dos *Exercitia* em Espanha e Portugal desde, pelo menos, 1554, data, tanto quanto sabemos, da sua primeira tradução em uma língua peninsular. E os autores que a tal perspectiva aludiram, limitaram-se, seguindo Maria de Lourdes Belchior, a recordar as quatro edições

⁵ RICARD, Robert – *La doctrine spirituelle de Fr. António das Chagas d'après ses principales lettres*. In *Mélanges d'études portugaises offerts à M. Georges Gentil*. Lisbonne: Instituto para a Alta Cultura, 1949, p. 317-336. Reeditado em *Études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal*. Paris: Fundação C. Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1970, p.222-240 (v. esp. p. 227, nota 2, p. 236-240).

⁶ GROULT, Pierre – *Literatura Espiritual Española. Edad Media y Renacimiento*. Madrid: FUE, 1980, p. 144-146; RICARD, Robert – *L'influence des «mystiques du Nord» sur les spirituels portugais du XVIème et XVIIème siècle*. In VV.AA. – *La mystique rhénane (Colloque de Strasbourg, 16-19 mai 1961)*. Paris: PUF, 1963, p.219-233. Mesmo de um Mestre como Eugenio Asensio se poderá dizer que, quanto ao assinalar da influência de Eschio na literatura espiritual portuguesa, depende da investigação de M. de L. Belchior. Conf. a rápida notícia que sobre Eschio dá nessa obra prima que é a introdução à sua edição de *Desengano de Perdidos* (Goa, João de Endem, 1573) do arcebispo D. Gaspar de Leão (Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1958, p. XCV).

⁷ SAÍNZ RODRÍGUEZ, Pedro – *Espiritualidad española*. Madrid: Ediciones Rialp, 1961, apenas elenca, como leitoras dos primeiros jesuítas e do P. Antonio Cordeses, Herp (p. 149, 183, respectivamente) e Tauler enquanto representante da espiritualidade medieval nas páginas de *Via spiritus* (p. 172).

⁸ DIAS, José S. da Silva – *Correntes de sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, pp. 248, 257-258, 553, 554 (A obra, que apesar do que indica no seu subtítulo, ficou, infelizmente, interrompida no século XVI, apresenta-se em um volume, com dois tomos de paginação contínua). De José da Silva Dias depende, como confessa, Melquiades Andrés Martín na sua «Nota sobre el recogimiento en Portugal» capítulo da sua magna obra *Los recogidos. Nueva visión de la mística española (1500- 1700)*. Madrid: FUE, 1975, pp. 805-811; o mesmo autor, em *La teología española en el siglo XVI*. Madrid: BAC, 1977 – um marco na renovação dos estudos de história da espiritualidade –, recorrendo «principalmente» a edições portuguesas, acentua – um tanto chauvilisticamente... – a difusão dos místicos renou-flamencos a partir de 1530, isto é, «cuando la mística del recogimiento ya está constituida y es adulta» (conf. *Ob.cit.*, II, pp. 150, 225, 587).

⁹ TAULER, Juan – *Obras*. Universidade Pontifícia de Salamanca: FUE, 1984, pp. 89-90, 98, 185.

¹⁰ Não vale a pena aludir senão a alguns despistes que, a propósito da identificação de N. Eschio, se encontram em páginas de autores tão notáveis como, por exemplo, Camilo Abad, na sua edição de *Pláticas sobre las Reglas dela Compañía de Jesús* (Barcelona: Juan Flors, 1964, pp. 288, n. 31) e às suas consequências em outras obras como, por exemplo também, a já citada de Melquiades Andrés Martín, *Los recogidos*, pp. 510, n. 222.

das suas traduções em português – 1554 e 1555, feita directamente do latim editado por L. Surius, e duas (1669, 1746), oferecendo uma tradução a partir da lição latina do monge cartuxo, mas aproveitando, não integralmente, o texto e os esclarecimentos que o acompanham na primeira versão em castelhano.

O que, por agora, aqui pretendemos é tentar estabelecer uma simples listagem das edições, feitas na Península Ibérica, cujos exemplares nos foi possível localizar e examinar ou, em dois casos – curiosamente o da primeira edição em castelhano (Valencia, J. C. Garriz, 1609) e o da terceira (Valencia, J. C. Garriz, 1610) –, perante a falta de exemplares inquestionavelmente datados, garantir documentalente. Assim, em tal *finding list* não incluímos, remetendo-as para apêndice, as edições inventariadas ou catalogadas de que não se conhece qualquer exemplar e ainda as que, impressas no México, por se encontrarem em bibliotecas deste país ou do Chile, não pudemos examinar. Adiantemos que, mesmo com estas limitações que nos impusemos, logramos localizar exemplares de dezasseis edições em Espanha e Portugal nos séculos XVI e XVII, representando duas diferentes traduções em português e outras duas em espanhol. E em manuscritos registaremos três traduções, duas delas já conhecidas, dos *Exercitia*. Se, porém, a estas dezasseis edições juntarmos as nove que colocamos em apêndice (quatro que localizámos, mas não examinámos, e as cinco que apenas conhecemos por referências bibliográficas) poderíamos sugerir que dos *Exercitia* de N. Eschio traduzidos se fizeram, ao longo de um pouco mais de dois séculos, cerca de vinte e cinco – e dizemo-lo assim para não exagerar – edições, número muito significativo. Mais significativo ainda se atentarmos, valorizando-o, no facto do quase mínimo e frágil formato (*in 16º*) da sua grande maioria, o que, cremos, é um elemento mais a considerar na hora da circulação dessa literatura «popularizada» que, alguma vez, designámos, talvez inapropriadamente, de «espiritualidade portátil»¹¹ cujos destinatários, neste caso, parecem ser, no desejo de censores da categoria de um Fr. Antonio Sobrino, «los que o por profession, o por impulso de la divina gracia, en los exercicios de la oracion, y contemplacion aprovechar desean»¹². E de um autor cujas marcas não costumam constar nas páginas das grandes sínteses da história da espiritualidade pensinsular do barroco e da Ilustração.

Cremos, contudo, que, antes de apresentar esses resultados da nossa

¹¹ CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Espiritualidade portátil. Um mundo a reconhecer?*. «Via Spiritus», 20 (2013), pp. 135-161.

¹² Fr. Antonio Sobrino, «Aprobacion» (15.1.1609), paratexto que se mantém inalterável até 1614. Curiosamente, as edições de Zaragoza em 1624 e 1625 não exibem «aprobación», mas, sim, apenas «licencia» do Vigário Geral. Só em 1629 (Madrid) volta a constar a «aprovación», desta vez devida a um novo censor, Fr. Tomás de S. Vicente, carmelita, quem pensa – talvez um tanto restrictivamente? – que a obra será «de mucho provecho, particularmente para los perfectos, o caminan a sello en la caridad evangelica».

pesquisa, poderá ter algum interesse tecer algumas considerações, baseadas fundamentalmente, nos paratextos que as ornam, sobre as principais edições das traduções dos *Exercitia* na Península Ibérica – as principais etapas da sua difusão – que, talvez, conjugados com os interventores da edição – tradutores..., aprovadores..., dedicatários... , financiadores... –, ajudem a contextualizá-las e, conseqüentemente, permitam insinuar, para além da função mais imediata da sua leitura e prática nos caminhos da perfeição individual – *ad vitam perfectam instituendam*, como reza o título de uma edição que terá sido cuidada pelo próprio N. Eschio¹³ –, o seu significado na história da espiritualidade dos fins do século XVI e primeiro quartel do seguinte.

A primeira tradução em português que é igualmente a primeira tradução peninsular, impressa em Évora em 6.9.1554 – assim o declara o colofón da edição e confirmam as crónicas – apareceu sob o favor do cardeal Henrique de Avis, inquisidor geral e futuro rei de Portugal. Protector de Fr. Luís de Granada, favorecendo, desde a sua eminente hierarquia e alto poder político-religioso, movimentos de reforma espiritual que hoje poderiam dizer-se de signo «radical» – assim eram vistas as primeiras gerações jesuítas ou, desde os começos do século, os franciscanos de estricte observância da Província da Piedade, tão ligada à Casa de Bragança e logo à Casa Real¹⁴ –, mandou publicar, aprovada que fora por Fr. Jerónimo de Azambuja, OP.¹⁵, a tradução que dos *Exercitia* fizera, depois de os «praticar aos frades», Fr. Cristovão de Abrantes (†1574), precisamente um franciscano dessa Província da Piedade¹⁶.

Justificando a sua tradução – como sempre motivado por «algũa

¹³ O título completo assim o insinua: *Exercitia quaedam pia quae compendio hominem ad vitam perfectam instituendam jovare possunt... auctore Nicolao Eschio, jam primum ab ipso recognita et elaboratius in lucem edita. Antuerpiae, ex Officina C. Plantini, 1569 (B.N.F., FRBNE 31535233). AMPE, Albert – Eschius, Nicolas. In Dictionnaire de Spiritualité, ed. cit., 1063.*

¹⁴ Será suficiente recordar aqui para formar uma imagem do «radicalismo» da Companhia de Jesus nos primeiros tempos em Portugal as páginas de Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, Apostolado da Oração, I, 1, pp. 234, 320-322, 359-370, e *passim*; sobre o papel do cardeal Henrique, de concerto com Filipe II de Espanha, nas reformas dos franciscanos conducentes à supressão da conventualidade (1568), CARVALHO, José Adriano de Freitas – *De l'Observance et des observances à la plénitude de l'Observance au Portugal*. In MEYER, Frédéric; VIALLET, Ludovic (Dirct.) – *Identités franciscaines à l'âge des réformes*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2005, pp. 143- 164.

¹⁵ MARQUES, A.A. Martins – *Fr. Jerónimo de Azambuja e a sua actividade inquisitorial*. «Lusitania Sacra», 7 (1966), pp. 193-216, que precisa cronologias e orientações do célebre «Olesastro» como censor literário.

¹⁶ MONFORTE, Manuel de – *Chronica da Província da Piedad, primeira capucha de toda a ordem, e regular observancia de nosso Senefico Padre S. Francisco*. Lisboa: Miguel Manescal da Costa, 1751, I, 3, 55, p. 467: «A oração era seu total exercício [...] em todas as casas, onde viveo, assim súbdito, como prelado, praticava aos frades o Eschio, que então florescia, trando suas mortificações, que he a sua primeira via purgativa, com as outras duas, illuminativa, e unitiva, de que o mesmo Eschio tratou altamente. [...] E para que do Eschio se pudessem aproveitar todos, o traduzio do Latim no nosso idioma portuguez, que foi impresso, callando seu nome, em Evora a 6 de Setembro de 1554, por ordem do cardeal Infante, com quem este religioso teve estreita amizade».

importunaçam e rogos de pessoas espirituais e religiosas» – o «intérprete» – aclara-o no «Prologo» – concebeu-a como um meio «para que todo este reyno em que a oraçam mental tanto florece em nossos dias, nam somente no estado religioso e ecclesiastico, mas tambem no secular, nam careça de doutrina tam mocia e meo tam singular para chegar com a graça e favor divino a alteza da perfeiçam». Um propósito que se abre para o fervilhar desse mundo – e dos seus mundilhos – da prática e das práticas da oração mental em que, em Lisboa ou em Évora – para aludir apenas a ambientes bem documentados –, faziam ombrear um Fr. Luís de Granada com um Francisco de Sousa Tavares, um leigo, um Fr. Francisquinho da Porciuncola, franciscano arrábido, de modos de oração um tanto extravagantes, com beatas, como Isabel Fernandes, um alto senhor, como D. Leão de Noronha, de santidade atestada, com um Simão Gomes, profeta da roda do P. Inácio Martins, um jesuíta que foi um apóstolo dos pobres encarcerados, um grande catequista da infância e juventude e um pregador incansável, ou ainda uma D. Maria da Silva, mulher de F. de Sousa Tavares, de vida espiritual tão admirada por um Francisco de Monzón, com um rigorista como Jorge da Silva, autor de obras de espiritualidade, seu denunciante à Inquisição. Naturalmente, leitores do Pseudo-Tauler..., de H. Herp..., de Santa Catarina de Génova..., ou até de Luís de Granada... ou de Fr. Luís de Montoia..., muitos destes fervorosos praticantes da oração mental, um tema escaldante que, como se sabe, em Espanha desembocou no *Index* espanhol de 1559, roçaram, com mais ou menos atritos, com a Inquisição¹⁷. Mas, cremos, tal não desconta nada nesse florescimento da prática da oração mental pelos anos de 1554.

Aliás, o tradutor, encantado com a «suavidade» da obra e com a sua brevidade e clareza, encara a prática dos catorze exercícios proposta por Eschio como o melhor método para percorrer o caminho que «começa do conhecimento de deos e acaba na uniam do seu divino amor». É, aparentemente, um itinerário que, contrariando o que costuma dizer-se «socratismo cristão», que Fr. Cristovão justifica perguntando: «em que espelho se pode millhor ver a vileza e baixeza da natureza humana que na nobreza e alteza da majestade divina?». Mas, previne o intérprete, no seu caminho para alcançar a perfeição – «a perfeita uniam do seu spirito com deos» –, o homem verdadeiramente mortificado tem de atender que «a graça divina he ho principal meo e principio de todo bem». Reflexões que, estamos em crer, talvez tivessem seduzido, aí pelos anos de 1511-1513, jovens profundamente preocupados com a relação da fé e das obras com a salvação

¹⁷ A DIAS, José S. da Silva – *Correntes de Sentimento religioso em Portugal*. Ed. cit., pp. 585-620, *et passim*, deverão, segundo nos parece, ainda as melhores sínteses documentadas sobre o caldo espiritual nesses anos em Portugal, olhado, sobretudo, desde Lisboa.

(*De iustificatione*), como Martim Lutero, um frade agostinho, ou como Gaspar Contarini, um leigo patricio veneziano¹⁸.

Segue-se o «Prologo de Frey Loureço Surio [...] sobre os divinos exercicios de Nicolao Eschio», extenso texto que, entre 1609 e 1625, em ampla síntese, fará parte da estrutura das edições espanholas da tradução dos *Exercitia*, facto que nos leva a dar alguma atenção a esse paratexto.

Insistindo em que o «piedoso leitor» tem nas mãos uns «exercícios divinalmente revelados a hũ varam de grande reputaçam e gloriosa fama», Nicolao Eschio, L. Surio, como o faz o «intérprete» sob a sua influência e hão-de fazer outros tradutores e aprovadores, afiança que tais práticas «em breve espaço de tempo levam ho homem desejoso de aproveitar, e dotado de boa e fervente vontade, aa amizade e firme uniam divina e aa alteza da perfeiçam». Passemos, por agora, a declaração de Surio sobre o «divinalmente revelados» do texto que apresenta, pois, em 1609, teremos de ver esclarecidas as dúvidas levantadas, muito provavelmente, por algumas das primeiras leitoras – e extensíveis, seguramente, a muitos leitores – em dias em que à volta das visões e revelações a polémica, de distintas origens, ainda não tinha serenado e exigia largas apostilhas e discursos tranquilizadores.

O monge cartuxo, contudo, previne imediatamente que, começado, o caminho não permite volta atrás, pelo que o exercitante, «bem limpo e purificado de vícios» – se necessário pelo recurso à confissão sacramental – deve atender à «guarda do seu coração», para o que dá alguns conselhos práticos que qualquer expositor ou qualquer seguidor do que, geralmente, dizemos as múltiplas «vias» do recolhimento poderia subscrever ou fazer seus: «...nunca olharás com os olhos fixos pera o rosto de alguém nẽ para a vaidade das cousas transitórias [...] nunca será vão ou leve, mas amigo das piadasas e doces lágrimas e do choro sancto que nace do amor, chorando por teus pecados e de todolos outros homens [...] encerrarteas hũa hora polla menhá e outra aa tarde, em algũ lugar escuro e solitario e ahi recolhendote dentro de ti mesmo cõ diligente atençam te porás diante de teu deos que na verdade te esta presente»¹⁹.

Será neste clima que deve ser «meditado devotamente cada hũ [dos] exercicios». A sua prática não tem que ser levada a cabo nem «em viii dias, ou dez

¹⁸JEDIN, Hubert – *Un' "esperienza della torre" del giovane Contarini*. In *Chiesa della fede, Chiesa della storia Saggi scelti*. Brescia: Morcelliana, 1972, pp.606-623, chamou a atenção, evocando as cartas de juventude do futuro diplomato e cardeal, para o «paralelo» da «illuminazione del Sabato santo» de G. Contarini com o *Turmerlebnis* de M. Lutero pelos começos da segunda década de 1500; PROSPERI, Adriano – *Lutero. Gli anni dela fede e della libertà*. Milano: Mondadori, 2017, dedicou excelentes páginas a esta perspectiva.

¹⁹ Cremos suficiente remeter aqui apenas para MARTÍN, Melquíades Andrés – *Los recogidos. Nueva visión de la mística española (1500- 1700)*, ed. cit., e, do mesmo autor, *Los místicos de la Edad de oro en España y America. Antología*. Madrid: BAC, 1996.

ou doze, ou ainda mais ou menos», pois tudo depende dos afazeres e condição – «o negocio e respeito de tua pessoa» – do exercitante, já que, deixados outros exercícios que, por ventura, se estivesse a seguir, aquele em que agora passará a meditar tem «de andar de dia e de noite posto em [sua] memoria e desejo e fixo em [seu] coração». Conselho este último em que a exclusividade não é senão um modo mais de sublinhar a interiorização [«recolher-se»] para lograr «que, as potencias de [sua] alma nuas de toda ymagem criada, nenhũa criatura se ponha meo entre [si] e [Deus]». Mas, e parece importante anotá-lo, essa profunda atenção interior – estamos a aproximar a noção de recolhimento – não deve ser o que poderia hoje dizer-se uma obsessão perturbadora, mas antes um modo de estar «com hũa igualdade e serenidade de animo, mása e quietamente e sem sobejo cuydado e affecto ou incrinaçam e occupaçam de coraçam...». E um pouco mais: nas «cousas que se hão de fazer» terá de ser sempre «guardada a liberdade do coraçam pera que não o ocupẽ e espedacẽ, mas simplesmente sejam todas referidas e deitadas com ha êtẽçam em Deos». Quase diríamos que por aqui perpassam ecos do modo de fazer os *Exercícios* inicianos... O «Prologo» é, como dissemos, de L. Surio, monge da cartuxa de Colónia onde a Companhia de Jesus gozava de um excelente acolhimento – baste lembrar quer as estadias que por lá fez P. Fabro²⁰ e o manuscrito incompleto de uma lição dos exercícios inicianos que em uma dessas ocasiões, lá terá deixado cerca de 1543/1544,²¹ quer o «emotivo prólogo» de Bruno Loher à sua edição (1555), dedicada a Inácio de Loyola, da *Theologia Mystica* de H. Herp, que mais não era que «uma apologia dos Exercícios»²² e da actividade apostólica do novel Instituto. E o próprio Eschio, vencidas as iniciais desconfianças acerca dos primeiros jesuítas²³, veio a fazer os *Exercícios* de Santo Inácio sob a direcção de Pedro Fabro²⁴... Compreende-se que logo imediatamente esclareça Surio, quase recordando o papel de quem na Companhia de Jesus dá os *Exercícios*, que «he muito necessário que se em estes exercícios nam queres ser enganado te sometas có humilldade e simprez obediencia a algũ varam bẽ experimentado que te enderece nestas cousas e a quem peças conselho nas cousas duvidosas, e sigas sua guia e obedeças

²⁰ VAN der VORST Charles – *La Compagnie de Jésus et le passage à l'ordre des chartreux (1540-1694)*. [AHS], 23 (1964), pp. 3-34 (esp. pp. 4, 5).

²¹ BATAILLON, Marcel – *Les jésuites dans l'Espagne du XVIème siècle*. Edition établie, annotée et présentée par Pierre-Antoine Fabre. Paris: Les Belles Lettres, 2009, p. 152.

²² Parafraaseámos as preciosas referências de Enrique García Hernán na sua magna biografia Ignacio de loyol, Madrid: Prisa Ediciones, 2013, pp. 116, 366; com mais desenvolvimento, poderá ler-se GARCÍA, SJ., Francisco – *Vida, virtudes y milagros de San ignacio de loyola, fundador de la Compañía de Jesus*. Madrid: Don Gregorio Hermosilla, 1722, p. 412-413.

²³ FABRO, Pedro – *Mémorial*, traduit et commenté par Michel de Certeau, S.J.. Paris: Desclée de Brouwer, 1960, p. 58.

²⁴ AMPE, Albert – *Eschius, Nicolas*. In *Dictionnaire de Spiritualité*, ed. cit., 1065.

exteriormente a suas amoestações, assi como interiormente aas de deos». Não só obedecer, mas ainda «rogar a deos que alumie có sua graça a este tal homê que escolheres, para que em todo te reja e ãsine, como for mais proveitoso e conforme a tua salvaçam». Depois de chamar a atenção para quanto é necessário que os exercícios se façam «cô hũ perfeito alevantamento e conversam do coração a deos e com sospiros inflamados...» – poderá ver-se aqui uma alusão à prática que Eschio recomenda no Exercício XII sobre as aspirações como mais breve atalho para a união contemplativa? – e de oferecer alguns conselhos sobre como vencer tentações, vem a recomendação de alguma leitura, a fazer «com profunda consideração» – são exemplos –, «de hum capitulo ou dous das meditações ou soliloquios de santo Agostinho, ou doutros devotos opúsculos e livrinhos semelhantes». São leituras para os exercícios sobre o «conhecimento de Deos e de [si] mesmo», pois para «os outros exercícios» em especial «aproveitaram grandemente as cousas que nas obras de Hãrrique herp em muitos lugares sam tratadas có muita graça do spirito santo». Mas se é necessário alegrar-se, como Eliseu, por ter encontrado Deus, mesmo que tarde como David, o exercitante tem de estar consciente de que a contemplação de Deus exige «primeiramente [...] que deixe todos os vícios, avorreça e despreze todalas cousas da terra, deseje com grande vontade e sede do coraçam a visitaçam do spiritu sancto», suspirando continuamente pelo «amor unitivo» que é o fim de todos os exercícios.

Creemos que o monge cartuxo soube destacar os aspectos afectivos do «método» de Eschio, combinando-os com o sublinhar da importância de uma ascese basilar que lhe garantia a eficácia e a ortodoxia. Por outro lado, os leitores seus contemporâneos bem terão agradecido ao «intérprete», Fr. Cristóvão de Abrantes, o ter feito acompanhar a sua da tradução de um tal «prólogo» que, dada a autoridade de Surio, era uma benvinda aprovação.

No ano seguinte, o mesmo editor, André de Burgos, voltou a publicar, sem variantes, a sua edição que, sumariamente, acabamos de examinar. Dir-se-ia que o fez por ditado da procura da edição anterior. É possível, mas, curiosamente, apenas conhecemos uma única referência a Eschio nas páginas de um autor de uma obra de espiritualidade no século XVI em Portugal: a de Francisco de Sousa Tavares no seu *Livro de doutrina spiritual* (1564), e, mesmo assim, não é possível garantir que Sousa Tavares, ao tratar do «allevantamento da alma a Deos» esteja a seguir directamente que não através de L. Blosio, as páginas que Eschio dedica (*Exerc., XII*) ao exercício dos actos anagógicos (doutrina das aspirações) como «amor unitivo». A sua referência, situada a par de Ruibrochio, H. Herp, e L. Blosio, levanta a nossa suspeita²⁵.

²⁵ TAVARES, Francisco de Sousa – *Livro de doutrina spiritual*. Lisboa: J. Barreira, 1564, fol. 47. Permitimo-nos

Em Portugal só voltará a editar-se uma tradução de N. Eschio em 1669, mas, entretanto, por cá, como por toda a Península e pelas Índias, circularam, desde 1609, várias edições de uma tradução espanhola. Tal não significa, como ainda acontecia na segunda metade de Seiscentos, que o texto latino de Eschio/Surio não continuasse a ser utilizado. Havemos de sugerir algum exemplo.

A primeira tradução em castelhano que também será, segundo cremos, a primeira edição de Esquio em Espanha, deve-se a Fr. Juan Ximénez, figura de relevo da província dos franciscanos descalços de S. Juan Bautista²⁶, e apareceu antes de 2 de Março de 1609. Dizemo-lo assim, pois, como já aludimos, não foi possível localizar qualquer exemplar que, indubitavelmente, represente esta edição – e sequer encontrar qualquer referência bibliográfica precisa – que, como veremos mais abaixo, não deverá confundir-se com a outra edição que, nos finais desse mesmo ano – sempre depois de 7 de Novembro –, apareceu em Valência e de que, tanto quanto sabemos, se conserva um único exemplar.

Tudo poderá começar por uma carta de Fr. Antonio Sobrino (†1622), influente – e nem sempre admirado²⁷ – franciscano da descalcez de Espanha,

remeter para a breve introdução que ao autor dedicamos em BELCHIOR, Maria de Lourdes; CARVALHO, José Adriano; CRISTOVÃO, Fernando (Apresent.) – *Antologia de espirituais portuguesas*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994, pp. 209-232.

²⁶ A biografia de Fr. Juan Jiménez (Jérez de la Frontera, 1561/1562 – Ayora, 1628), pregador famoso, discípulo de San Pascoal Balón e grande impulsor da sua beatificação, três vezes provincial da província de San Juan Bautista da descalcez alcantarina, e autor de diversa bibliografia espiritual, em que se contam uns *Exercícios espirituales* ou *Suma de ejercicios para la oración* (1612? 1620?, 1622?) que, alguma vez, se têm confundido com a sua tradução dos de Eschio, – assim parece acontecer com MARTÍN, Melquiades Andrés – *Historia de la mística española...*, ed. cit., p.174, em que o dá como autor dos *Exercícios divinos revelados* e com os historiadores de *La biblioteca del primer marqués de Dos Aguas*, 1707, Valencia, 1992, nº 1403 – pode ser seguida, um tanto difusamente, em PANES, Antonio – *Chronica de Provincia de san Juan Bautista de religiosos menores descalços de la regular observancia de nuestro Padre san Francisco*. Valencia: Jeronimo Vilagrasa, 1665, 1, 3, 14, pp. 481-486 e I, 4, pp. 405, 489, et passim, e, sobretudo, na excelente síntese de PARADA Y BARRETO, Diogo I. – *Hombres ilustres de la ciudad de Jerez de la Frontera*. Jerez: Imprenta del Guadalete a cargo de D. Tomás Bueno, 1875, pp. 241-242; BERGONZINI, Massimo – *Storia della fondazione della Congregazione dell'Oratorio de San Filippo Neri di Valencia*. Porto: CITCEM, 2017, pp.27, alude à «mucha parte» que a cronística franciscana atribui a Fr. Juan Jiménez na implantação do Oratório valenciano, destacando a sua acção como «padre espiritual de Don Filipe Pesantes y Boil, importante personagem do círculo de amigos que esteve na origem dessa fundação; no *Compendio de las vidas de los Padres que han florecido en virtudes y letras en la Real Casa de S. Felipe Neri de Valencia, escrito en portugues por el doctor Josef Manuel da Silva y traducido al español por un padre de la congregacion de S. Felipe Neri de la ciudad de Baeza*, Introdução e notas de M. Bergonzini. Porto: CITCEM, 2013, pp. 18-19, podem ler-se os principais dados biográficos do P. Pesantes, neles não havendo referência à sua relação com F. Juan Ximénez. Naturalmente não sabemos o valor a atribuir à acção do P. Ximénez na fundação da «Escola de Cristo» na cidade do Turia como consta de alguma tradição franciscana.

²⁷ Aludimos às «dificultades» (de perseguições as classifica o cronista da Província) que, frustradas as que lhe haviam sido movidas pelo caso de Mosém Simón, encontrou o P. Sobrino com a publicação do seu tratado *Vida espiritual y perfeccion christiana...*, Valencia, Juan Chrysostomo Garriz, 1612. A obra, lida «com apaixonada intenção», foi pelo P. Luis Frondoni, «notada» de «cosas falsas, proposiciones ignorantes y heréticas, y que era doctrina de hipocrisia, ilusion y engaño», foi defendida por Fr. Juan Ximénez e logo aprovada pela Congregação do Index, «la qual prohibio el libro del P. Frondoni en que le imponia las dichas notas...» (PANES, Antonio – *Chronica de*

muito especialmente no reino de Valência, da primeira metade do século XVII²⁸ e que é, como registou Eulogio de la Virgen del Carmen, «uno de los olvidados» autores desses mesmos tempos²⁹. Residindo então, precisamente, em Valência, o P. Sobrino escreve a sua irmã Soror Cecília del Nacimiento, carmelita descalça em Valladolid, notável poetisa, que, com mais seis irmãos, provinha de um cultíssimo clan familiar vallisolitano de fresca raiz portuguesa³⁰, informando-a, em 2.3.1609, de que «un Padre de esta misma Provincia [de San Juan Bautista, de Valência] tradujo unos Ejercicios de Vida Espiritual compuestos por Nicolás Eschio, varón grave y santo; los cuales serán provechosos. Y sin decir nada imprimió al principio dellos la lira de V. R.³¹ [*Lira de la transformación del alma en Dios*] sin decir cuya es. La cual me había importunado le dejase copiar y no pude negárselo por ser hombre grave y muy amigo, Y cuando me cato, véola impresa en su libro»³². Como se não bastasse este testemunho³³, o aludido tradutor da obra, Fr. Juan Ximénez, na dedicatória do seu trabalho à condessa

la provincia de San Juan Bautista.... ed. cit., I, III, 16, p. 490; conf. I, IV, 36, p. 790).

²⁸ Cremos que, mesmo levando em conta a natural parcialidade de família religiosa, a melhor biografia – humana e espiritual – de Fr. Antonio Sobrino é a que, em duas longas partes – o leigo e burocrata palatino e sua família, e depois o franciscano descalço –, traça PANES, Antonio – *Chronica de la Provincia de San Juan Bautista...*, ed. cit., I, IV, 7-16; I, IV, 17-49, pp. 135-830.

²⁹ VIRGEN DEL CARMEN, Eulogio de la – *Literatura espiritual del Barroco e Ilustración*. In JIMÉNEZ DUQUE, Baldomero; SALA BALUST (dir.) – *Historia de la espiritualidad*. Barcelona: Juan Flors, 1969, II, p. 319.

³⁰ A também poetisa Maria de Santo Alberto, OCD, dois carmelitas, outro também franciscano descalço, e um arcebispo de Valladolid e um médico. Sobre este entorno familiar e os seus vários destinos, haverá ainda que consultar, além das páginas de Fr. Alonso Panes, JESÚS MARÍA, OCD., E. de (Edit.), «Monte Carmelo. Revista de estudios carmelitanos» 47 (1946) [*Número extraordinario dedicado a la madre Cecilia del Nacimiento en el tercer centenario de su muerte*], pp. 109-305; BURRIEZA SÁNCHEZ, Javier – *Virtudes y letras. La familia de los Sobrino de Valladolid*. In GARCÍA FERNÁNDEZ, Máximo; SOBALER SECO, María de los Ángeles (Coord.) – *Estudios en Homenaje al Profesor Teófanos Egido*, II, Valladolid: Junta de Castilla y León, 2004, pp.179-201; CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Las cartas de la monja Cecilia del Nacimiento, OCD. Un diálogo: dudas y seguridades*. In CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica (Edit.s) – *Cinco siglos de cartas. Historia y prácticas epistolares en las épocas modernas y contemporánea*, Huelva: Universidad de Huelva, 2014, pp. 123-141.

³¹ Refere-se à *Lira de la transformación del alma en Dios*, poema de linhagem poética de San Juan de la Cruz, que, composto à volta de 1600, de que são conhecidas duas versões que diferem em alguns versos e em número de estrofes. Ambas comentou a sua autora. Do comentário da lição ligeiramente mais curta (16 estrofes) resultou a primeira versão do seu *Tratado de la transformación del alma en Dios* (1603); e do comentário da lição mais longa (17 estrofes) veio a resultar (1631) a segunda versão desse seu *Tratado*. Alguns problemas do texto das *Canciones de la Unión y transformación del alma en Dios...* / *Liras de la transformación del alma en Dios*, podem ver-se apontados e, tanto quanto possível, solucionados nas páginas das «Notas críticas» que José M. Díaz Cerón após quer às *Canciones / Liras*, quer aos dois comentários delas. Para as duas lições do poema em confronto v. NACIMIENTO, Cecilia del, *Obras completas*, Notas críticas y estudio de su vida mística de P. José M. Díaz Cerón. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1971, pp. 54- 61; BARBEITO CARNEIRO, M^a Isabel – *Mujeres y literatura en el Siglo de Oro. Espacios profanos y espacios conventuales*, Madrid, s.i.,2007, pp. 335-355; BARANDA LETURIO, Nieves; CRUZ, Anne J. (ed.) – *Las escritoras españolas de la Edad Moderna*. Madrid: UNED, 2018, pp. 196, 197, 199-201, et passim.

³² NACIMIENTO, Cecilia del, OCD., 1570-1646, *Epistolario*, Carta nº 16 de Fr. Antonio Sobrino a la Madre Cecilia, em 2.3.1607, in *Obras completas*., ed. cit., p. 540.

³³ A carta, provavelmente por erro de leitura do original, publicou-a José M. Díaz Cerón in NACIMIENTO, Cecilia del, *Obras completas*, ed. cit., pp. 540-5,41, como datada de Valência em 2.3.1607, data que, pelo que expomos, deverá ter que ler-se 2.3.1609,

de La Puebla, datada de 10.1.1609, evoca, não só as virtudes da dedicatária, mas também a sua decisiva intervenção na edição. Efectivamente recordando que a condessa, «este verano passado» – de 1608, portanto – o ouviu explicar os *Exercicios* às religiosas do mosteiro da «Santissima Trinidad de esta ciudad de Valencia», declara que essa presença «no fue sino acuerdo, y providencia eterna para que assi V. Señoria con su mucha caridad me animara, y obligara a imprimirlos, llamando al mesmo impressor, y pagandole luego de ante mano la emprenta»³⁴. Apesar da falta de portada, estamos em crer que o exemplar conservado na Biblioteca Municipal de Jerez de la Frontera, terra natal de Fr. Juan Ximénez, representa esta edição. Aprovada a obra por Fr. António Sobrino em 15.1.1609 – uma aprovação que há-de figurar, *nec varietur*, em muitas edições até, pelo menos, 1625 –, traz essa mesma esclarecedora dedicatória, e formalmente – tamanho, tipo de letra, disposição da paginação – é igual ao exemplar da edição que a finais desse mesmo ano de 1609 que guarda a Biblioteca da Universidade de Valência. E, talvez, mais importante que tudo isto, traz, como indicava o P. Sobrino a sua irmã, o poema desta – a «Lira de la transformación del alma en Dios –, «*al principio*», e não, como na edição seguinte desse ano e em muitas outras posteriores, no fim ou quase no fim. Hoje por hoje, parece-nos ser este o estado da questão no que diz respeito à primeira edição da tradução dos *Exercicios divinos revelados* de N. Eschio em Espanha.

Mas, como acabamos de recordar, estando assim as coisas, Fr. Juan Ximénez, meses mais tarde, em uma um pouco mais larga dedicatória, datada de 7.11.1609, oferecendo à mesma dama a edição levada a cabo pelo impressor valenciano Juan Crisostomo Garriz, depois de ponderar o «grande effecto en las alma» que com os *Exercicios* se tem logrado tanto em Valencia como em outros lugares de Espanha – o bispo de Segorbe, don Feliciano de Figueroa y Mendoza, (1599-1609) sempre trazia «el librito en las manos» – e ainda que, como informava o grande teólogo moralista Manuel Rodríguez, OFM., em Salamanca projectavam editá-lo, escreve: «Finalment viendo el impressor la estima que todos hazen destes exercicios, y como la primera impression se despidio tan presto (repartiendo como pan bendito) y como muchos acuden a buscarles dexando otros libros mas elegantes, há querido bolverlos a imprimir a su costa...». É a edição representada pelo exemplar da Biblioteca da Universidade de Valência.

Conjugados, estes testemunhos parecem garantir que um desconhecido impressor – poderá ter sido, com alta probabilidade, o mesmo Juan Crisóstomo

³⁴ Citamos, como havemos de referir, pelo exemplar que, único localizado, se conserva na Biblioteca Municipal de Jerez de la Frontera.

Garriz, como parece sugerir o trecho que citámos – publicou, nos começos de 1609 – sempre antes de 2 de Marco desse ano – aquela que, hoje por hoje, cremos terá sido a primeira edição da tradução dos *Exercícios* de N. Eschio em Espanha, edição logo seguida de outra levada a cabo em finais do mesmo ano de 1609 pelo impressor Juan Chrisostomo Garriz. Curiosamente, são dados estes que estamos em crer terem, até agora, escapado a bibliógrafos da altura de Nicolás Antonio ou ao autor da *Bibliotheca Universa Franciscana*, Fr. Juan de San Antonio, para não falar do sempre imprescindível Palau³⁵.

Se, em 1554, o «intérprete» português não nos deu a sua «história» do modo como se encontrou com o texto de Eschio – disso, como vimos, se encarregou o cronista da sua província –, o tradutor espanhol, Fr. Juan Ximénez, sem esperar pelos historiadores da Ordem – bem escassos sobre tal assunto –, nas considerações e explicações que deu «Al lector» logo na primeira edição de 1609 – paratexto retomado em quase todas as edições espanholas até 1665 –, deixou-nos importantes notícias sobre as circunstâncias em que, estando no sacro monte de Jumilla (Murcia) – «el qual tiene todas las estancias y passos, puntualmente medidos, que dio Christo con la cruz desde la casa de Pilatos hasta el Monte Calvário»³⁶ –, descobriu os *Exercitia* em uma das edições que, desde 1548, deles deu L. Surius em apêndice aos *Exercitia super vita et passione Salvatoris* atribuídos a Tauler³⁷. A solidão e as penhas do lugar – «un segundo Monte Alverne» –, a natureza amena que logo envolvia o muito próximo convento de Santa Ana – «su pequeña iglesia, huerta, fuentes, arboles, y eremitas muy devotas» – a alta espiritualidade dos religiosos que habitavam o convento – «unos santos cartuxos franciscos», expressão com que, talvez, o P. Ximénez queira apontar a

³⁵ Naturalmente, é de rever e corrigir o que escrevemos sobre a primeira edição da tradução de Fr. Juan Ximénez e as edições que, sumariamente, dela elencamos em *Lectura espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI-XVII)*. Salamanca: SEMYR, 2007, p. 71, n. 144.

³⁶ Juan Ximénez, «Al lector», s. p.

³⁷ Em «Al lector» Fr. Juan Ximenez revela algo mais sobre o exemplar em que conheceu a obra de Eschio: «Un libro de los Exercicios de la Pasion de Christo, compuesto por el pio e devoto doctor Juan Taulero, y traduzido en lengua latina por el insigne Doctor Laurencio Surio cartuxano en el qual en el fin [depois do cap LV] tenia outro tratado donde estavan tambien en latin otros exercicios con este título: *En otros exercicios totalmente divinos que com brevedad puede transformar a un hombre en Dios, del Doctor Nicolas Eschio,...*, prefacio de Laurencio Surio...», indicação que pode permitir pensar que, quase seguramente, o P. Ximenez conheceu a edição de 1548 (Colônia, Ex Officina Johannis Quentel). Nesta edição de 1548, tal como indica o P. Ximenez, no fim dos exercícios de Tauler, lê-se: *In exercitia quaedam alia, divina prorsus, et quae compendio hominem in Deo transformare queant, Authore D. Nicolao Eschio apud barbantos existimationis et pietate viro*. Laurenti Surii ad pium lectorem praefatio». Claro que poderia ter conhecido outra edição dessa de 1548 dependente, como a de Antuérpia (Philippus Natuiz, 1565), em que, exceptuando as variantes da portada, se repete o anúncio dos *Exercicios* de Eschio e a epítola dedicatória de L. Surius. Mas talvez terá algum interesse lembrar, pois Juan Ximenez não o faz, que na portada da edição de 1548 de *De vitae et passine salvatoris nostri Jesu Christi piissima exercitia se anuncia mais abaixo Adjuncta sunt eiusdem fere argumenti alia quaedam Exercitia, prorsus divina, Authore D. Nicolao Eschio viro doctore ac pio.*

um ideal, a Cartuxa, que os irmanava com muitos da Companhia de Jesus que, não apenas dos primeiros tempos, tinham sido seduzidos, com mais ou menos perseverança, por esse ideal monástico³⁸ – tudo concorreu para que ao encontro casual do livro – «traxume Dios a las manos» – e à sua imediata leitura «al punto [començasse] el coraçõ a dar muestras de que eran, lo que son», isto é, como declarava, em tradução um tanto adaptada, o título de Eschio, *Ejercicios revelados por el mismo Dios* O mesmo impacto, começando a lê-los – «apenas avia leido dos renglones dellos» –, sentiu o P. Antonio Sobrino, quem, com a sua alta autoridade teológica e espiritual, assim confirmava o que outros – «personas graves y doctas» – já tinham manifestado a Fr. Juan Ximénez. Por isso, a sua leitura não fez mais do que garantir o que, por sua vez, garantia Surius, «insigne doctor y coronista de tanta autoridade en toda la santa Iglesia», no «Prefácio» ou «Prólogo» que apusera à sua edição em que, como já sabemos, explicava esses «Ejercicios [...] divinalmente revelados a un varon de celebre opinion». Dado que já o fizemos a quando da edição da tradução portuguesa (1554, 1555), dispensamo-nos de comentar aqui o largo extracto que do «Prefácio» de Surius dá o P. Ximénez destacando a brevidade e claridade com que os *Ejercicios* guiam à perfeição, seguindo-se-lhe umas breves considerações sobre o «método» – tempos e modos – dos exercícios esquianos.

Creemos, contudo, ser do maior interesse lembrar que, vendo «el fruto que en mi, y en otros hazian», resolveu-se a traduzi-los – tal como o tradutor português o fez ao considerar a sua experiência pessoal e a dos frades que os praticavam – o que, ainda que Fr. Juan Ximénez não o diga, levou a que, por mandado dos superiores – «por obediencia» – «en publico los leyesses, y explicasse a las religiosas de nuestra orden que estan en el convento de la Santissima Trinidad [de Valencia]». Esse «en publico los leyesses» e esse «y explicasse a las religiosas...» referir-se-ão a uma mesma intervenção, ou, antes, representam dois públicos e dois modos de proceder? Apenas nos atrevemos a dizer, porque ele mesmo o declara na dedicatória da edição primeira – começos de 1609 –, que a exposição às religiosas clarissas teve lugar no verão de 1608. E assim foi como estas clarissas e uma dama da alta nobreza valenciana, a condessa de La Puebla, irmã da então superiora do mosteiro, Soror Elvira de Jesus, se tornaram as primeiras leitoras de uma tradução de Eschio em castelhano.³⁹

³⁸ VAN der VORST, Charles, – *La Compagnie de Jésus et le passage à l'ordre des chartreux (1540-1694)*. «AHSJ», 23 (1964), pp. 3-34, clássico ensaio que, segundo cremos, ainda oferece, tendo em conta o nosso ponto de vista, dados mais que suficientes para contextualizar o nosso comentário.

³⁹ Infelizmente, não conseguimos encontrar outros leitores – ou simples possuidores – dos *Ejercicios* de Eschio em tradução do P. Ximenez. Por outro lado a presença do livro em inventários de bibliotecas e coleções com destinos vários, também não parece ser frequente; se tivermos em consideração os inventários publicados e estudados por DADSON, Trevor J. – *Libros, lectores y lecturas. Estudios sobre bibliotecas particulares españolas del Siglo de Oro*. Madrid: ArcoLibros, 1998, apenas encontramos dois exemplares, inventariados em 1616 na biblioteca da condes-

O texto que oferece dos catorze exercícios, diz-nos o P. Ximénez, é o resultado de três ensaios de tradução – «de verbo ad verbum»..., «sentencia en sentencia»..., esclarecendo, como autoriza no *Ex. III* o próprio N. Eschio, o texto com «algunas palabras más, sin mudar nada la substancia» –, sendo, como sabemos também, que a sua impressão só foi possível pelo apoio financeiro da condessa de La Puebla e de sua irmã, Soror Elvira de Jesus, abadessa do célebre mosteiro valenciano. Ademais dessas ocasiões em que tentou tornar o texto mais compreensível, o tradutor juntou ainda, no fim de cada exercício, umas «peroraciones, o epílogos» para aqueles que «una vez hayan leydo el ejercicio, si no pudieren despues bolverle a leer, le tengan en breves palabras, y en modo de oracion», o que é uma maneira de ajudar a que o exercitante se encontre sempre, e mais facilmente, como aconselha Surius – ou Eschio? – nessa «presença de Deus» que culmina na união divina.

E, como acredita Surius, também o P. Ximénez, como já aludimos, «piadosamente» crê que estes *Exercícios* foram efectivamente revelados por Deus, pelo que «no es mucho que ellos hagan essa ventaja, y excedan a todos los otros compuestos por los hombres». E se não soubéssemos que Fr. Juan Ximénez haverá de recomendar a leitura dos *Exercícios* de Santo Inácio, poderíamos ser tentados a pensar que, contados mesmo entre «los muchissimos y muy buenos» que «de ordinario andan al presente entre las manos», também esses, como «casi todos vienen a embocar, y ser en la sustancia una misma cosa con estos». Não vale a pena especular. Interroguemo-nos, apenas, sobre o «entusiasmo» de um descobridor...

Aprovada⁴⁰ – como não? – por Fr. Antonio Sobrino, igualmente seu entusiasta leitor e, até certo ponto, cúmplice devotado da edição, que sublinha quanto «enseñan, y llevan a quien en ellos se exercitare, por caminos y medios rectisimos, desde el principio de la perfeccion a lo alto della con brevedad y claridad notable», o P. Ximénez, provavelmente por prudência, juntou ainda, no final do texto dos catorze exercícios, como se necessário fosse, um comentário mais: uma «Breve resolución de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos

sa de Puñonrostro da edição de Sevilla, Matias Clavijo, 1614 (nº 72) e outro de uma edição s.d., s.l., s.i. (nº 78), [Dadson, ob. cit., pp.445, 446;]. Por sua vez, PRIETO BERNABÉ, José Manuel – *Lectura y lectores. La Cultura del impreso en el Madrid del Siglo de oro (1550-1650)*, Editora Regional de Extremadura, 2004, II, pp. 67 (nº 60), regista um exemplar inventariado em 1622, entre os livros de D. Fernando Pacheco, cavaleiro de Calatrava, de uma edição sem qualquer referência identificativa, para o que (curiosamente...) aponta uma edição de Sevilla, sa., mas que é de 1665...; segundo o inventário dos livros de Isabel Montero, feito em 1629, aí se encontrava um exemplar dos «exercícios divinos», (nº 63) [Prieto Bernabé, ob. cit., p.502, onde se propõe para identificação uma outra edição de 1665]. CATALÁ SANZ, Jorge; BOIGUES PALOMARES, Juan J. – *La biblioteca del primer marqués de Dos Aguas*, 1707. Valencia: Universitat de Valencia, 1992, apontam um exemplar (n. 1387) igualmente sem qualquer elemento identificativo, propondo uma possível edição de 1612.

⁴⁰ A aprovação está datada de 15 de Janeiro de 1609, dias depois da dedicatória do que cremos ser a primeira edição da tradução espanhola dos *Exercícios* de N. Eschio à condessa de La Puebla.

exercícios», páginas presentes, em castelhano ou em tradução portuguesa, em todas as edições peninsulares até 1745, uma constante, que, como todas as constantes, que parecem impor-se ao longo de anos, não significará, obviamente, o mesmo, nem terá o mesmo peso nos começos do século XVII e nos meados dos século XVIII. E, porque nos atrevemos a pensar ser um dado a ter em conta neste mundo da leitura dos textos de espiritualidade nestes tempos – sobretudo dessa literatura «popularizada» de que estes *Exercícios* de Eschio se poderiam dizer um bom exemplo –, tentaremos focar, desde essa perspectiva, os pontos que, salvo melhor opinião, julgamos mais significativos nessa «Breve resolución»...

Estruturada em seis «dúvidas», a primeira – ¿«ay revelaciones hechas a personas que vivẽ al presente»? – arranca do próprio título da obra – *Exercicios revelados al venerable Nicolas Eschio...* Tal título, não constando, verdadeiramente, do título original latino impresso, deverá ter resultado de uma combinação, da responsabilidade do tradutor, entre o título latino de Surius – *Exercitia prorsus divina* – e a declaração do mesmo Surius logo à cabeça do seu «Prólogo», segundo a tradução do P. Ximénez: «Estos Exercicios que siguen (...) divinalmente revelados a un varon de celebre opinion...». Compreende-se que o clima de degelo que, à data – contas feitas, em torno de 1606 / 1607 deverá o franciscano jeresano ter encontrado e traduzido um livro que comentou no verão de 1608 –, se verificava das fortes oposições a visões e revelações que, como meio ou consequência atribuíveis à difusão das práticas de oração mental de pendor contemplativo, – ou ao que se dizia oração mental – se viera acentuando desde o último quartel de Quinhentos, exigisse uma ponderação, erudita, mas em estilo simples, sobre revelações «a personas que vivẽ al presente». A resposta é um longo e matizado discurso que, respondendo logo afirmativamente à questão – uma *vexata questio*, na verdade... –, começa por criticar «los que de tan christianos y letrados se precian [han] condenado tan a monton las prophecias y revelaciones de la madre Teresa de Jesus, y otras de nuestros tiempos»⁴¹. Pondo logo de parte as que «no fueren conforme a la Sagrada Escripura, y doctrina de los santos», discorrerá, recorrendo à autoridade de Santo Agostinho..., S. Boaventura – a este fartamente –..., cardeal Caetano..., S. Tomás., não só pelas «três maneras de revelación divina» – sensitiva..., imaginária e intelectual – e ainda pela «conjectural, por inspiración del Espiritu Santo», mas também pelas duas maneiras como Deus fala à alma. Para quase todos estes aspectos, dir-se-ia que Teresa de Jesus lhe fornecera preciosos apoios, se não soubéssemos

⁴¹ Aqui, como em outros paratextos e «apêndices», citamos pela edição de Valencia, Juan C. Garriz, 1609, em que ocupa as pp. 299-344; quando não foi possível ler, dado mau estado do único exemplar localizado desta edição – a segunda do mesmo ano –, servimo-nos do exemplar da edição de Zaragoza, Juan de Lanaja y Quartanet, 1624, que, curiosamente, tem a mesma paginação.

que toda a «Duda primera» é uma síntese abreviada de *Luz de las maravillas que Dios ha obrado desde el principio del mundo en las almas de sus profetas y amigos...* (Valladolid, D. Fernández de Cordova, 1607) de Fr. Leandro de Granada, OSB. Honestamente citado por Fr. Juan Ximénez, o livro, apesar do título, centrado em Santa Teresa, mais não é que uma defesa e ilustração da teologia mística à luz da revelação divina em que o autor desenvolveu os quatro discursos que apusera, em jeito de introdução, à sua edição (1603-1607) das *Insinuaciones de la Divina Piedad* de Santa Gertrudes. Como já escrevemos, trata-se de uma «introdução» a Santa Teresa que, então, passasse por uma introdução a Santa Gertrudes⁴²...

A «segunda duda» proposta pelo P. Ximénez aborda outra questão igualmente candente desde – tomemo-lo apenas como um marco – a *Apología de la frequentación de la Sacrosanta Eucharistia y comunión* (Sevilla, 1558) por Fr. Domingo Valtanás: «Si los seglares pueden comulgar cada día, «como parece decirlo aquí Eschio, en el fin de sus Exercicios»⁴³... Talvez, então em não total sintonia com Fr. Antonio Sobrino que terá evoluído para posição menos restrictiva⁴⁴. Recorrendo, entre outros, a S. Tomás..., Henrique Henriques, L. Bloisio..., Juan de los Ángeles..., Dr. Navarro..., Diego Pérez («Catedrático de Escritura en el Estudio general de Barcelona»), responde positivamente – estamos em 1608 /1609⁴⁵– «mas no todos, sino aquellos que viviendo vida inculpable, anhelan a la perfeccion, los cuales de consejo, y licencia de sus superiores, o de sus doctos confesores, pueden comulgar todos los días que para

⁴² Permitimo-nos recordar as páginas que dedicamos a este autor e à sua obra de tradutor, editor e comentador das *Insinuaciones divina piedad* (*Legatus*) e aos avatares futuros da oportunística metamorfose de *Luz de las maravillas en Confusión de alumbados* (1623) em *Gertrudes de Helfia e Espanha...*, ed. cit, 293-374. O assunto foi, posteriormente desenvolvido, com a mestria de sempre, pelo nosso sempre recordado amigo Fr. Álvaro Hueriga in *Historia de los alumbados*, IV. Madrid: FUE, 1988, pp. 344 sgs.

⁴³ Talvez Fr. Juan Ximénez assim se tenha proposto interpretar a abertura do XIII exercício: «que siempre vivas en Dios, y renueves cada día la union», sendo que «lo primero, cree firmemente, que si estás en gracia, Dios está en ti, y tu dentro en Dios, como el Sagrado Evangelio, y toda la Sagrada Escritura lo afirma: *El que come (dize Christo) mi carne y bebe mi sangre, en mi mora, y yo en el; este llevará mucho fruto, orque sin mi nada podeis hazer...*». [Itálico do orig.]. Se o P. Ximenez não remetia para esta passagem, nem nesse nem em qualquer outro exercício encontramos referência a essa quetsão.

⁴⁴ PANES, Antonio – *Chronica de la Provincia de San Juan Bautista...*, ed. cit., I, 4., 42, p. 376, recorda, infelizmente sem qualquer referente cronológico, que «dixo el Siervo de Dios en una ocasion como en outro tiempo avia sido de parecer, que la persona comulgasse con menos frecuencia, mas yà era de opinion contraria, y que a nadie se negasse la comunion cotidiana, con tal que llegassen a ella con amor, y temor, afirmo, que mas agradavan a Dios los que assi llegan a su santíssimo sacramento, que los que por temor dexan de recibirle.» Segue-se um comentário de Panes, em que se cita documentação da Sagrada Congregação *Super Conc. Trident.*,... em apoio da posição de A. Sobrino.

⁴⁵ A «Breve resolución...» foi seguramente redatada entre o verão de 1608 e Janeiro de 1609, e por isso, não é possível garantir que a opinião de Fr. Juan Ximenez reflecta o seu último ponto de vista sobre o assunto, pois, segundo A. Panes, *Chronica de la Provincia de San Juan Bautista...*, ed. cit., I, 4, 42, pp.772, receando, como outros, que o decreto da Sacra Congregación *Super Concilio Tridentino* ss.22, cap. 6, que «liberalizava» um pouco mais a frequência da comunhão, fosse apócrifo, consultou directamente a referida congregação e, confirmada a sua autenticidade e fidelidade, logo o publicou em Valencia «predicando del Santissimo Sacramento en San Martin y en la Iglesia Mayor».

ello tuvieren verdadera devocion». Uma resposta que, como se sabe, traduzia os lentos avanços dos mais ou menos prudentes partidários da comunhão quotidiana.

As outras quatro dúvidas dizem respeito, para o dizermos de alguma maneira, a aspectos mais práticos de *re mystica*. Interessam-nos aqui as suas respostas não tanto por elas mesmas, mas pelas autoridades em que se apoiam.

Assim, à «tercera duda» – «para gustar de la divina dulçura en el intimo recogimiento, y en la quieta contemplación, quantas cosas son necessarias?» – esclarece-a, em pouco mais de uma página em que o conselho de seguir e praticar os «exercícios» de «nuestro Padre Fr. Pedro de Alcánatara», Madre Teresa de Jesus – quererá dizer leitura? – e «en especial en [los ejercicios] del santo Padre Inácio», serve para alcançar «limpieza de la conciencia»..., «affecto separado de toda criatura, puesto en Dios»..., «serenidad en la mente, quitandole las espécies de las criaturas, o no advirtiendolas»..., «libertad de espíritu»..., «resignacion entera de la voluntad»... «loganimidad en la esperança, y en la perseverança en la oración».

Compreendemos, sem, contudo, tentar defini-las na sua aplicabilidade aqui ou as que ditará mais adiante, as suas recomendações de leituras e exercícios... Parece-nos que apenas se trata de recomendações e leitura de obras, então já bem conhecidas, em que um certo experimentalismo pessoal – mais acentuado em umas que em outras, obviamente – percorre e as torna mais recomendáveis – e atractivas?... – para um exercitante.

Como resposta à «quarta duda» – «qué haré para llegar presto a la perfeccion y union con Dios?» – o exercitante obtém um breve discurso com alguns dos pontos mais correntes de uma qualquer simples epístola de *re ascetica*: «huyr de [si] mismo y de su estimación, acudiendo adonde [le] han de menospreciar, y mortificar...», andar «siempre en la presencia de Dios dentro de [si] mesmo, como el caracol...», «mortificar [sus] sentidos, en especial la lengua en el gusto, y en el hablar; y no se [le] passe sin castigo qualquier defecto que en esto, y en el olvido de Dios [hiciera], como hace el novicio recogido, y que de veras busca a Dios...».

Pelo esclarecimento da dúvida seguinte, a quinta, uma questão que, mais ou menos angustiadamente, quase sempre brota nos livros de oração mental e em muitas biografias e autobiografias devotas – «Que hará el que en la oración se ve tan seco, desamparado, que en mucho tiempo no saca gusto, ni devocion della?» –, o exercitante fica a saber que tem de fazer «quatro cosas»: examinar «la conciencia, y [ver] si ay alguna espina hincada», isto é, algum pecado, «o algun vicio por pequeño que sea...», resignar-se «en la voluntad de Dios...», procurar

«la salud espiritual, y corporal de [su] proximo, y su consuelo...», e, em quarto lugar, acudir «a la persona de Christo, y a su pasion, y a la Virgen, su madre, y nuestra». Para sustentar este quatro pontos – que, como os outros anteriores, são como que uma espécie de «sub-exercícios» que se vão, concatenadamente, interpenetrando e compactando, o P. Ximénez recomenda de novo «los Exercicios del Beato Ignacio de Loyola al fin»⁴⁶, y los de la Madre Teresa de Jesus, y sus Moradas»... Leituras que permanecerão constantes ao longo dos anos..., até à edição portuguesa de 1669.

A «sexta duda» – «Como me tengo de aver en la execucion, y practica destes Exercicios?» – recebe por resposta, como já deve saber o exercitante pelo «prologo» de Surio – extractado e comentado, como sabemos, por Juan Ximénez em «Al lector» –, o reafirmar quer da importância de praticar os exercícios uma hora pela manhã e outra à tarde durante oito dias – parece ser o ideal – dois exercícios por dia –, ainda que admita reduzi-los a dois ou três dias, pedindo a Deus, servindo-se da «peroracion puesta al fin del Exercicio», «que te lo conceda, y enseñe con la claridad de su divina sciencia», quer, finalmente, da necessidade de ser perseverante na oração e prática destes «exercícios», «porque sin estas cosas no sacarás nada destes Exercicios».

Por o que acabámos de, sumariamente, tentar mostrar, não será violento sugerir que a edição da tradução dos *Exercitia* de N. Eschio de 1609 – melhor: duas edições –, deve ter sido, com todo o aparato de paratextos que, ao abrir e ao fechar o texto dos *Exercicios* – e até ao longo do mesmo texto, se neles contarmos as «peroraciones o epílogos» que no cabo de cada exercício juntou o P. Ximénez – «conforta» a obra traduzida, um marco nos começos de um novo ciclo da sua difusão em Espanha e América Latina. As edições que logramos elencar – e, além de algum fantasma que registam alguns repertórios bibliográficos, devem ter-nos escapado umas quantas mais – parecem confirmá-lo. Um marco nesse novo ciclo, mas também um afortunado testemunho mais do câmbio de clima anti-oração mental – ou, se preferirmos, anti-místico – que ortodoxamente – ou ultra-ortodoxamente? – se vinha impondo...

Os *Exercicios*, na sua versão em castelhano – e até em alguma edição portuguesa no século XVII que não passou de ms. – são, em geral⁴⁷, coroados

⁴⁶ Como sempre, dado o modo vago das referências do P. Ximenez, não parece fácil precisar esse «al fin» dos *Exercicios* inicianos, mas atrevemo-nos a sugerir que possa remeter para as «Reglas para en alguna manera sentir y conocer las varias mociones que en el anima se causan» (4ª semana, 9, cujas 4ª-9ª dizem, precisamente, respeito, à «desolación espiritual». LOYOLA, Iganacio de – *Obras completas*, Transcripción, introduccion y notas de Ig. Iparraquirre, Madrid: BAC., 1963, pp. 263-264.

⁴⁷ Será que a colocação da *Lira de Soror Cecilia «al principio»* ou no final ou quase no final poderia ser um elemento mais a inserir as edições futuras na tradição da primeira (Janeiro- Março 1609) ou da segunda (Nov. 1609)?

– parece-nos o termo justo – pela *Lira de la transformación del alma en Dios* de Soror Cecília del Nacimiento, poema que já correu atribuído a S. Juan de la Cruz. Como já tivemos ocasião de recordar, Fr. Juan Ximénez, que, anos depois, veio a corresponder-se com Soror Cecília à raiz do processo incoado para a beatificação de Fr. Antonio Sobrino⁴⁸, sem autorização da autora e anonimamente, apenas contando com a cúmplice benevolência do P. Sobrino, imprimiu-a – releve-se-nos o lembrá-lo, mais uma vez – na primeira edição (Janeiro/ Março, 1609) como um paratexto mais «al principio» da obra, e na segunda (Novembro/ Dezembro, 1609) nas páginas finais, como feliz remate dos *Exercicios*.

A estar pelo que diz Fr. Juan Ximénez à condessa de La Puebla na dedicatória da segunda edição de 1609, sobre o êxito editorial da primeira por ela financiada – êxito que, como já sabemos, levou o editor, meses depois, a fazer uma nova edição a expensas próprias – ,não é de estranhar que o mesmo editor, logo no ano seguinte (1610), se tenha abalancado a uma nova edição ou «impressión». Infelizmente, apenas a conhecemos pela reprodução da portada e por uma resumida descrição bibliográfica que, apesar disso, parece permitir afirmar que, como era esperável, reproduzia o formato e o número de páginas (349) da anterior de finais de 1609. Mesmo sabendo quanto nestas coisas de editores e de suas subtilezas editoriais é arriscado fazer deduções seguras, é, neste caso, possível sugerir que as restantes peças que acompanhavam a edição dos *Exercicios* terão sido reproduzidas nesta nova impressão. Foram-no também em algumas outras posteriores e até nem do mesmo editor... Tudo leva, portanto, a crer que esta «segunda impressão», como reza a portada, ao reproduzir a primeira de finais de 1609 deverá considerar-se a terceira... Notemos que nessa de finais de 1609 já os *Exercicios* igualmente se diziam «corrigidos y anádidos»... De qualquer modo, o êxito editorial da tradução de Eschio parece, nestes começos, garantido e, sabemos-lo hoje, com futuro.

Este futuro está representado pelas edições de Madrid, em 1613 (Alonso Martín)..., de Sevilha em 1614 (Matias Clavijo)⁴⁹... – edições em que apenas

⁴⁸ Carta de Fr. Juan Jiménez a la M. Cecilia (Valencia, 15.9.1626) In «Epistolario», *Obras completas*, ed. cit., pp. 577-578.

⁴⁹ Nada custa aceitar que, como refere PALAU, A. – *Manual del librero Hispanoamericano*..., XXVII, 207, nº 377º32, tenha havido uma edição de Valencia, em 1612, in 16º. Confessemos, porém, que não logramos explicar-nos as razões por que Jorge A. Catalá Sanz e Juan J. Boigues Palomares, *La biblioteca del primer marqués de Dos Aguas*, 1707, ed. cit., p. 325, nº. 1387, optaram por assinalar, sem remeter a qualquer fonte, esta edição, sendo que, além disso, antes desta houve três e depois apareceram várias. Permitam-nos os autores de tão importante obra lembrar que os *Exercicios de la oración mental* (nº 1403) de Fr. Juan Jiménez não são os *Exercicios* de Eschio que o mesmo franciscano traduziu e comentou, confusão a que já aludimos acima.

Ainda que nada prove sobre a existência de uma edição dos *Exercicios divinos*... em 1612, retenhamos, para o que, eventualmente, possa servir, que em 5.8.1612, desde Londres, D. Luísa de Carvajal y Mendoza, pedia «una docena

variam as datas das últimas licenças e em que se reproduzem a aprovação de Fr. Antonio Sobrino..., a dedicatória à condessa de La Puebla da primeira de começos de 1609 – pelo facto de ser outro o editor e outra, conseqüentemente, a história editorial evocada nessa dedicatória, conjunto de paratextos a que se somam todos os textos do P. Ximénez e ainda a *Lira* da madre Cecília del Nacimiento. Tais edições serão seguidas anos depois por uma de Sevilha, em 1621, por Gabriel Ramos, exemplar que não vimos, já que o único conhecido – hoje por hoje – se conserva numa biblioteca do México.

Em 1624 o editor zaragoçano Juan de Lanaja y Quartanet, aproveitando ao máximo os paratextos de que o P. Ximénez fez acompanhar – ou deixou ir acompanhando..., pois os verdadeiros responsáveis pela edição, tão frequente e geograficamente dispersa, seriam os editores – as edições anteriores, publicou, em Zaragoza, dedicada agora «A la Imperatriz del Cielo y Tierra, Maria Virgen y Madre de Dios del Pilar», uma nova edição custeada por um Juan Serrano – quem assina a dedicatória – e adornada, depois do «Fin de la Tabla», com uma gravurita de carácter emblemático. E, uma vez mais, como que coroando a obra a *Lira de la transformación...* da Madre Sobrino... O mesmo editor reimprimiu o seu trabalho no ano seguinte (1625). Depois, em 1629, a viúva de Alonso Martín retoma a edição que seu marido tinha dado havia dezasseis anos (1613).

E, deixando de lado, pelas razões já expostas, a edição feita no México nesse mesmo ano, será necessário esperar uns estranhos trinta e seis anos para ver aparecer, em 1665, uma nova edição com duas impressões conhecidas – Alcalá de Henares (Andrés Fernández de Castro) e Sevilha, mas impressa, sem data declarada na portada, em Alcalá (Florencio J. Blás de Quesada). Se estivermos atentos, para além das diferentes dedicatórias – «a Christo S. Nuestro» e «al Patriarcha San Camilo de Lelis», respectivamente – e aos

de libritos de los de Equio, declarados por el padre Jiménez, y que Rivas nos trayga de ellos los que pueda, pues son tan chicos». CARVAJAL Y MENDOÇA, Luisa de – *Epistolario y poesías* (Colección formada por Don Jesús González Marañón, Completada y revisada por Camilo María Abad). Madrid: Atlas, 1965, p. 354. Não sabemos se recebeu a encomenda, mas em Outubro (19.10.1612), cremos, agradece um exemplar que lhe foi enviado pela célebre Madre Mariana de San José: «El librito que vuestra merced me hizo merced de darme es lindísima cosa. He deseado otros seis y rogado al padre Cresvelo los envíe por las postas que traen aqui los pliegos del Rey nuestro señor (*Epistolario y poesías*, ed. cit., 374). Possivelmente, D. Luísa, ela própria bem conhecida do P. Sobrino como assinala PANES, A.– *Chronica de la provincia de San Juan Bautista...*, ed. cit., I, 4, 85, pp. 750-751, pois o terá consultado sobre a sua decisão de passar a Inglaterra, teve notícia da obra pela marquesa de Caracena, sua prima, que, então, vice-rainha consorte de Valência, comunicava estreitamente com o P. Antonio Sobrino: «Envidia tengo – escreve-lhe de Londres em 16.4.1611 – a los ratos que vuestra excelencia pasa con el padre Sobrino, cuyas oraciones me alcance vuestra excelencia, le suplico» (*Epistolario y poesías*, ed. cit., 323), o que poderíamos ver confirmado, em linguagem poética de sabor bíblico, por PANES, Antonio – *Chronica de la Provincia de San Juan Bautista...*, ed. cit., I, 4, 35, p. 750: «eran para esta ilustre señora [D. Isabel Velazco, marquesa de Caracena] pasto celestial las pláticas del siervo de Dios fray Antonio que quando las oía, estava a sus pies, como otra Magdalena a los del Salvador...».

intervenientes assinalados nos respectivo paratextos, talvez nos afoitássemos a dizer representarem estas espaçadas impressões a lenta derradeira face de um negócio – afinal, apesar de já não se venderem os livrinhos como «pan bendito», ainda lucrativo? – em tempos de «la desprestigiada y fustigada mística»⁵⁰...

Com uma escoceira «Aprobación» do carmelita Fr. Thomás de San Vicente (7.1.1629), nelas, como nas anteriores, se repetem a introdução de Fr. Juan Ximénez, e os seus comentários e a *Lira* de Soror Cecilia del Nacimiento. Curiosamente é a penúltima edição da tradução por Fr. Juan Ximénez dos *Exercícios* de Eschio em Espanha, pois a última, de que não logramos localizar nem ver qualquer exemplar, terá aparecido, novamente em Zaragoza, na imprensa de Joan Ibar, em 1668. Aparecerá em 1690 uma edição em La Puebla (México) dedicada aos recentes marqueses de Monserrate – título criado nesse mesmo ano (25.7.1690)⁵¹, um mês depois da licença do Provisor do bispado de la Puebla (20.06.1690) –, talvez a dedicatória, traduzindo um possível patrocínio de um velho texto, texto acompanhado, tanto quanto indirectamente nos foi possível ver, de velhas aprovações e licenças e sumas, tenha sido um modo de engrinaldar a coroa marquesal... Talvez fosse...

Teremos de esperar mais de um século – 1772 (uma provável edição) e 1787 – para poder ler uma nova tradução, por Fr. José Matamoros, da Ordem de Montesa, dos *Exercícios* desse fervoroso discípulo de H. Herp que foi N. Eschio. Em um interessante prólogo – «El tradutor al que leyere» – Fr. José Matamoros, revelando-se um bom conhecedor das virtudes e defeitos da tradução do P. Ximénez e do seu êxito editorial, propôs-se, desafiado por um «eclesiástico» amigo, empreender uma nova tradução que «sin tomarse la libertad de aquel tradutor, se tuviera cuidado de ceñirse al texto, y de dar en romance á las expresiones latinas todo el espíritu posible, pero sin faltar á la fidelidad» (p. XII). Antes de levar a empresa a cabo, desconfiado do que diz Surio – «escritor [que] suele ser reputado por mas piadoso y laborioso, que critico y judicioso» – e, na sua esteira, subscreve inteiramente o P. Ximénez, sobre o carácter revelado dos *Exercitia*, resolveu Fr. J. Matamoros lê-los e examiná-los, crítica e judiciosamente, esperamos... Conclui que, «aunque la revelación de que habla Surio, no pueda entenderse en el sentido en que el Apóstol San Pedro la atribuye a los escritores sagrados [...] tengo por cierto, no solo que Dios, al qual servia y amaba de todo corazon el autor, se la comunico [«la divina gracia»] con muy particular abundancia para escribirlos» (p. V-VI).

⁵⁰ VIRGEN DEL CARMEN, Eulogio de la – *Literatura espiritual del Barroco y de la Ilustración* ao referir-se, como contexto da «efímera restauración espiritual: 1730-1789», in JIMÉNEZ DUQUE, Baldomero; SALA BALUST, Luis (Direcc.) – *Historia de la Espiritualidad – Espiritualidad Católica*. Barcelona: Juan Flors, 1969, II, p. 403.

⁵¹ *Genealogía Novohispana. Estudios cortos sobre familias y parentescos en la Nueva España*, nº 17, p. 45.

Era um bom remate para as longas suspeições que, nos começos do século XVII, ainda ditavam os remoques do primeiro tradutor aos «tan christianos y letrados» que desconfiavam das revelações de Teresa de Jesus. Uma renovação de um texto «inspirado» que, no contexto da longa duração da sua história, se pode dizer famoso e da espiritualidade afectiva que o orienta? A renovação de um texto e de uma corrente de espiritualidade que, como assinala o P. Matamoros, na interessante preliminar «Notícia de la vida del autor», se propunha combinar eficazmente os caminhos da ascese com os apelos místicos? Talvez assim tivessem encarado o projecto o anónimo eclesiástico – se existiu mesmo e não é uma variante de um velho tópico – e o tradutor seu amigo.

Entretanto, em Portugal retomara-se a tradição perdida da estima de Eschio plasmada nas duas edições da tradução de Fr. Cristóvão de Abrantes nos meados de Quinhentos. Muito possivelmente por estímulo das múltiplas edições da tradução espanhola do P. Ximénez, aparece, atribuída ao P. Diogo Vaz Carrilho, da Congregação do Oratório, e futuro prepósito da Casa de Santa Helena que a congregação tinha em Cádiz⁵² – terá qualquer sentido voltar a recordar as difusas relações de Fr. Juan Ximénez com os fundadores do Oratório de Valencia? – uma nova tradução portuguesa em 1669 (Lisboa, António Craesbeeck de Melo). Efectivamente, o novo tradutor conheceu e elogia o franciscano jeresiano que «traduzio em castelhano o nosso livro, e exornou com mui excelente doutrina». Mais: aproveitou, sintetizando-a e adaptando-a ligeiramente – conservando, porém, as leituras recomendadas ao exercitante por Juan Ximénez, mas acrescentando-lhes essa obra de «propagación cósmica» que é o *Ejercicio de perfección y virtudes cristianas* de Alfonso Rodríguez⁵³ – a «Breve resolução de algumas duvidas que se podem offerecer nestes exercicios», bem como as «perorações» do fim de cada capítulo. Contas feitas, este, também ele minúsculo, livrinho continua em Portugal a obra do P. Ximénez e, como em Espanha onde, como tentamos sugerir, as edições quase que se reproduziam umas às outras, também, provavelmente, a edição portuguesa seguinte, de 1714 – que não pudemos consultar, mas apenas «contemplar» dado o mau estado dos exemplares –, mas, com certeza, a de 1746 (Lisboa, Francisco da Silva) reproduziam, com as normais variantes das datas de alguns paratextos (taxa, licenças, etc.) a de 1669.

⁵² Dependemos aqui, uma vez mais, das antigas – e nem sempre seguras – notícias de MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca lusitana*. Lisboa Occidental: 1741, I, p. 704.

⁵³ VIRGEN DEL CARMEN, Eulogio de la – *Literatura espiritual del Barroco y de la Ilustración*, in JIMÉNEZ DUDUE, Baldomero; SALA BALUST, Luis (dir.) – *Historia de la Espiritualidad, – Espiritualidad católica*. Ed.cit., II, p. 330.

A existência segura deste considerável número de edições – e de algumas outras que, muito provavelmente, terão sido publicadas e de que, de algumas, damos conta em apêndice –, não significou que as edições latinas que, com mais ou menos fidelidade e com mais ou menos paratextos confluentes, propunham o texto de L. SURIUS, deixassem de circular ou tivessem diminuído. Houve edições europeias em 1630..., 1639..., 1676..., 1683..., 1718... Um bom exemplo desta dupla circulação pode ser mesmo Fr. António das Chagas que o lia em latim e do latim o traduziu – tradução ainda inédita que elencaremos – e que o aconselhava às religiosas suas dirigidas, seguramente em tradução em castelhano ou em português⁵⁴... Curiosamente, porém, não descobrimos o rasto de qualquer edição do texto latino dos *Exercitia prorsus divina* na Península Ibérica⁵⁵...

A história da difusão, em tradução, dos *Exercícios* de N. Eschio na Península Ibérica parece começa, como sabemos, em Portugal em 1554 e, meio século depois, em 1607, em Espanha, e veio aqui, praticamente, a acabar à roda de 1665 / 1668. E parece – mais um... – ter sido um português, que veio a integrar o Oratório de Cádiz, que, talvez lembrado do favor que de Fr. Juan Ximénez tinham recebido os fundadores do Oratório, soube apreciar e imitar sua tradução. Com o pensamento no nascente Oratório português? Datas conjugadas poderiam – com alguma violência, é certo, mas nestes meandros bio-bibliográficos tudo é difícil e tudo é possível... – favorecer esta sugestão⁵⁶... Mas foi um espanhol, Fr. José Matamoros, que, com uma nova tradução, encerrou a essa longa história em 1787. Ao parecer, *sans lendemain*...

⁵⁴ CHAGAS, António das – *Cartas espirituais... Primeira parte*, Lisboa Occidental: Miguel Rodrigues, 1786, Alguns exemplos: carta LXI, s. d. (1670?), p. 104: «Nos exercícios siga V. M. a ordem, que atégora, excepto em chegando ao ultimo de Esquio, no qual encomendo, e mando a V. M. (pois tanto gosta disto) que continue o mais da vida como o mesmo exercicio ordena»; carta CLVII, 1677, p. 239: ...«não se esqueça de Esquio; e veja se tem os sinais, que pedem os exercicios...» (Conf. Carta LXVII, p. 112; carta, CXCVII, p. 295; carta, CCXXIX, p. 332). Dispomos actualmente de uma edição prefaciada e anotada desta correspondência espiritual do P. Chagas, devida a Isabel Morujão, Porto: Campo das Letras, s.a (2000), útil hábil edição que só peca por não oferecer um índice onomástico e topográfico que a tornaria um imprescindível instrumento de trabalho.

⁵⁵ Manuscritos, em latim, apenas conhecemos uma cópia, incompleta, conservada no Ms. 13870 da BNE.

⁵⁶ SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: JNCT- Centro de História da Universidade do Porto, 1982, pp. 7-68, assinalando que «a 16 de Julho de 1668 tinha lugar, em Lisboa, o discreto nascimento da Congregação do Oratório de S. Filipe Neri», estuda, com o seu acostumado rigor e clareza, os apoios, contradições e dramas que o envolveram.

II

EDIÇÕES DAS TRADUÇÕES DOS *EXERCITIA* DE NICOLAS ESCHIO

Uma *Finding List*

1 – Exercícios sp̄ais & diuinos compostos per Nicolao Eschio. Tresladados de latim em romance portugueses, por hũ frade menor da prouincia da piedade.

Contem como a alma pode ser Vnida & trássformada per amor em deos.

Vistos & aprouados por mandado do Cardeal iffante inquisidor mor nestes reynos.

1554

[*Aprov.*] Frey Luys de Baeça [s.d.]

Taboada

Erros da *impressam*

Prologo do interprete ao lector

Prologo de Frey Louenço Surio Cartuxano sobre os divinos exercicios de Nicolao Eschio, varam de grande santidade em Brabancia

[14 exercícios,]

[*Colf.*]: Imprimiuse *a presente* obra dos XIII exercicios de Nicolao Eschio, cõ licẽça do padre mestre frey Hieronimo dazâbiuja inquisidor deste arcebispado, em a muito nobre e sempre leal cijdade Euora, per Andre de burgos impressor do Cardeal iffante a vi de setêbro

1554

BNP, *RES. 99 P; RES. 100 P; RES. 101/1P*

BGUC, *V.T.: -18-7-8*

BPADE, *RES. 7; RES. 189*

2 – Exercícios sp̄ais & diuinos compostos per Nicolao Eschio. Tresladados de latim em romance portugueses, por hũ frade menor da prouincia da piedade.

Contem como a alma pode ser vnida & transformada per amor em deos.

Vistos & aprouados por mandado do Cardeal iffante inquisidor moor nestes reynos.

1555

[*Aprov.*] Frey Luys de Baeça [s.d.]

Tauoada

Erros da *impressam*

Prologo do interprete ao lector

Prologo de Frey Louenço Surio Cartuxano sobre os divinos exercicios de Nicolao Eschio, varam de grande santidade em Brabancia

[14 exercícios]

[*Colf.*]: Imprimiuse a *presente* obra dos XIII exercícios de Nicolao Eschio, cõ licença do padre mestre frey Hieronimo dazâbiuja inquisidor deste arcebispado, em a muito nobre e sempre leal cijdade Euora, per Andre de burgos impressor do Cardeal iffante a x de mayo

1555

BNP, RES.1787 P

BPMP, X²-2-45

3 – [Exercicios revelados al venerable Nicolás Eschio]

[Valencia]

[Juan Crisostomo Garriz?]

[1609]

Aprobacion [Fr. Antonio Sobrino, 15.1.1609]

Imprimatur [Casanova, Vicarius generalis]

A doña María de Corella y de Mendoça, Condessa de La Puebla [Fr. Juan Ximénez, Valencia, 10.1.1609]

Fray Juan Ximenez al lector

Lira de la transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento, OCD]

Tabla de los exercicios del presente tratado

[XIII exercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos exercicios

BMJF, R 38955⁵⁷

4 – Exercicios revelados al venerable Nicolas Eschio. Traduzidos, y explicados por F. Juan Ximenez, Lector de Theologia, y padre de la prouincia de San Juan Baptista, de los fryales Franciscos descalços.

Corregidos, y añadidos en esta impression.

A doña Maria de Corella, y de Mendoça, Condessa de la Puebla, etc.

[Pequena gravura]

Impressos en Valencia, en casa de Juan Chrysostomo Garriz, 1609

⁵⁷ Exemplar falto de portada

Aprobacion [Fr. Antonio Sobrino], Valencia, 15.1.1609
 Imprimatur [Casanova, Vicarius gñlis]
 A Doña Maria de Corella, y de Mendoza, Condessa de la Puebla, etc... [Fr. Juan Ximénez, Valencia, 7.11.1609]
 Fr. Juan Ximenez al lector
 [XVIII exercicios]
 Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos exercicios
Lira de la transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento, OCD.]
 LAUS DEO
 UV., Bibl. Histórica, *BH Y-62 / 059*

5 – Exercicios revelados al venerable Nicolas Eschio. Traduzidos, y explicados por F. Juan Ximenez, Lector de Theologia, y padre de la prouincia de San Juan Baptista, de los fryales Franciscos descalços.

Corregidos, y añadidos en esta impressio.

A doña Maria de Corella, y de Mendoza, Condessa de la Puebla, etc.

[Pequena gravura = Valencia 1609]

Impressos en Valencia, en casa de Juan Chrysostomo Garriz, 1610

SyLL Subasta 18.4.2013, nº 293

6 – Exercicios divinos, revelados al Venerable Nicolao Eschio y referidos por Laurencio Surio. Traduzidos de latin en lengua vulgar, y explicados por Frey Juan Ximenez, Custodio de la Provincia de S. Juan Baptista de los Frayles Franciscos Descalços.

A Dona Maria de Corella, y de Mendoza, Condesa de la Puebla, etc.

Año 1613

En Madrid, Por Alonso Martin

Vendese en frente de la SS. Trinidad

Suma de la licencia [Madrid, 22.5.1613]

Suma de la tassa [Madrid, 4.7.1612, Hernando de Vallejo, Diego González de Villaroel]

Fe de erratas [2.7.1613, El Lic. Murcia de La Llana]

Aprobacion [Fr. Antonio Sobrino, Valencia, 15.1.1609]

Imprimatur [Casanova, Vicarius Geñlis]

A Doña Maria de Corella, y de Mendoza, Condesa de la Puebla [Fr. Juan Ximenez, Valencia, 10.1.1609]

Fr. Juan Ximenez al lector

Lyra de la transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento, OCD]

Tabla de los ejercicios del presente tratado

[XVIII ejercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos ejercicios

BNP, R.18752 P; R.19255 P

BMONS, D*XIX*12^a*1226

7 – Ejercicios divinos revelados al Venerable Nicolas Eschio, y referidos por Laurencio. Traduzidos de Latin en lengua vulgar, y explicados por Fr. Juan Ximenez, custodio de la provincia de San Juan Bautista de los Frayles Franciscos Descalços.

A doña Maria de Corella, y de Mendoça, Condessa de la Puebla, etc.

Año 1614

Con licencia

Sevilla, Matias Clavijo, 1614

Suma de licencia [Madrid, 27.12. 1613]

Fe de erratas [6. 5.1614]

Suma de las tassas [Juan Vazquez del Marmol, 6. 5.1614]

A Doña Maria de Corella, y de Mendoça, Condessa de la Puebla [Fr. Juan Ximénez, Valencia, 10.1.1609]

F. Juan Ximenez al lector

Lyra de la transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento, OCD]

[XVIII ejercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos ejercicios

Tabla de los ejercicios del presente tratado

BNP, R. 21010 P; R. 19258 P

BGUC, 4 A-14-15-6

BUS, A 082 / 150

8 – Ejercicios divinos...

[Trad. por Juan Ximenez do latim ao castelhano]

[Zaragoza, Juan de Lanaja y Quartanet, 1624]

Licencia [Dr. Juan Salinas, Vicario general. Por mandado de dicho señor Vicario General Antonio Zaporta Notario, 22.8.1624]

A la Imperatriz del Cielo y Tierra, Maria Virgen, y Madre de Dios del Pilar
[Juan Serrano, Esclavo de la Virgen]

Fr. Juan Ximenez al lector

Tabla de los ejercicios

Fin de la Tabla

In nomine Iesu / vinheta oval com IEHS /

[XIIII ejercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos ejercicios

Lyra dela transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento,
OCD]

BPMP X'-2-46⁵⁸;

BMONS. Colección D*XIX*12°1222

9 – Exercicios divinos revelados al venerable Nicolas Eschio y referidos por Laurencio Surio. Traduzidos de latin en lengua vulgar y explicados por Fr. Juan Ximenez Custodio de la provincia de San Juan Bautista de los Frayles Franciscos descalços.

[Pequena gravura]

En Zaragoza, Juan de Lanaja Quartanet, 1625

Licencia [Dr. Juan Salinas, Vicario general. Por mandado de dicho señor Vicario General Antonio Zaporta Notario, 22.8.1624]

Fr. Juan Ximenez al lector

Tabla de los ejercicios

Fin de la Tabla

In nomine Iesu / vinheta oval com IEHS /

[XIIII ejercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos ejercicios

Lyra dela transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento,
OCD]

RBM, IV / 150

10 – Exercicios divinos revelados al Venerable Nicolas Eschio, y referidos por Laurencio Surio. Traduzidos de Latin en lengua vulgar, y explicados por Fray Juan Ximenez, Custodio de la provincia de San Juan Bautista de los Frayles

⁵⁸ Exemplar faltar de rosto. O título, o lugar de impressão e o ano constam de uma folha manuscrita colada na guarda anterior. Pela identidade editorial – formato, paratextos, e respectivas datas – parece-nos atribuível ao mesmo impressor zaragoçano representado pelo exemplar da biblioteca do mosteiro de Monserrat, que, aliás, ofereceu uma nova edição em 1625.

Franciscos Descalços.

A doña Maria de Corella, y de Mendoça, Condessa de la Puebla, etc.

En Madrid, Por la viuda de Alonso Martin. A costa de Domingo González,

Año [adorno tipográfico] 1629

Suma de la licencia [Diego González de Villarroel, Madrid, 20.1.1629]

Suma de la tasa [Madrid, 20.1.1629, Diego González de Villarroel]

Fe del corrector [Lic. Murcia de la Llana, 18.1.1629]

Aprobacion [Fr. Tomas de San Vicente, 7.1.1629]

A Doña Maria de Corella y de Mendoça, condesa de la Puebla, [10, 1,
1609]

Fr. Juan Ximénez al lector

Lira de la transformación del alma en Dios

[XIII ejercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos ejercicios

MDREALES (Madrid), MD /G / 97; MD /G / 98; MD /G / 99

11 – Exercicios divinos, revelados al venerable Nicolas Eschio, y referidos por Laurencio Surio. Traduzidos de latin en lengua vulgar, y explicados por Fr. Juan Gimenez, Custodio de la provincia de san Juan Bautista de los Frailes franciscos Descalços.

Dedicase a Christo S. Nuestro.

Año 1665

En Alcalá de Henares, por Andres Fernandez de Castro. A Costa de Nicolás de Xamares. Mercader de Libros

Suma de la tasa [Madrid, 19.6.1665]

Fe del corrector [Alcalá, 17.6.1665]

Aprobacion (del Consejo) [Fr. Thomas de S. Vicente, OC, 7.1.1629]

A Christo Nuestro Señor [Nicolás de Xamares]

Fr. Juan Gimenez al lector

Lyra de la transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento, OCD]

Tabla de los ejercicios del presente tratado

[XVIII ejercicios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos ejercicios

BSCM, FSD /3/ 27/7/20⁵⁹

⁵⁹ Conhecemos a existência de um exemplar desta edição na Bodleian Librey – *Ver. G3g.1*, e um outro na Österreichische National Bibliothek – *17.G.64*, exemplares que não vimos.

12 – Exercícios divinos, revelados al Venerable Nicolás Eschio, y referidos por Laurencio Surio. Traducidos de Latin en Lengua vulgar, y explicados por Fray Juan Ximenez, Custodio de la Provincia de S. Juan Baptista de los Frailes franciscos Descalzos.

Dedicados al Patriarcha San Camilo de Lelis.

Impresso en Alcalá de Henares, y por su original en Sevilla, por Don Florencio Joseph Blás de Quesada, Impressor Mayor.

[s.a.]

Aprobacion del M.R.P. Fr. Thomás de San Vicente [Convento de Carmelitas Descalzos, 7.1.1629]

Suma de la Licencia a Nicolás de Xamares [Pedro Hurtiz de Ipiña, Madrid, 3.6.1665]

Frai Juan Ximenez al lector

Lyra de la transformacion del alma en Dios [Soror Cecilia del Nacimiento, OCD]

Tabla de los exercicios del presente tratado

[XVIII exercícios]

Breve resolucion de algunas dudas que se pueden ofrecer en estos exercicios

Fe del Corrector [Dr. D. Francisco Ignacio de Porres. Corrector de la Universidad, Alcalá, 17.6.1665]

Suma de la Tassa [Pedro Hurtiz de Ipiña, Madrid, 19.6.1665]

BAP-BHJML, 30025-22030503

LCSF, 4B -6-11 6 [= C-S-CF, 14-15-26]⁶⁰

MSC (sc)⁶¹

PB,OFM, XVII 33

UC. SDL, BX186.E8 1665

13 – Exercícios divinos das tres vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva, Compostos em Latim pelo Veneravel Doutor Nicolao Esquio. Traduzidos em Portugues Por Ordem de João Galvão, Familiar do S. Officio, e à sua custa impressos.

Lisboa, Com as licenças necessarias. Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza Anno 1669

A Serenissima Rainha dos Anjos Maria Santissima Mãy de Deos. Senhora:

⁶⁰ O exemplar da Biblioteca do Convento de S. Francisco, Santiago de Compostela, que consultámos, tem, a tinta, ms. 1665.

⁶¹ Exemplar sem cota.

[João Galráo]

Prologo ao Devoto Leytor

Taxa [17.12.1669]

Conselho da Inquisição [12.4.1669]

Pode imprimirse [6.9.1669]

Licença da Mesa [7.9.1669]

Licença do Paço [7.9.1669]

[XVIII exercícios]

Breve resolução de algũas duvidas, que se podem offerecer nestes exercicios

Indices [por vias]

BNP, VAR 3480; R.9619 P

BPMP, X¹-2-45

BPUB, R.3985 A

14 – Exercicios divinos das três vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva

Lisboa, 1714

BNP, R.9688P; R.29638⁶²

15 – Exercicios divinos das tres vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva pera conseguir huma perfeita, e mística união com Deos. Escritos pelo Veneravel Doutor Nicolao Esquio. Novamente correctos e emendados de muitos e gravíssimos erros, e conformes ao seu original. Offerecidos a nossa Amabilissima Mãe Maria Santissima do Carmo por hum devoto.

Lisboa, na Oficina de Francisco da Silva, Anno MDCCXLVI

Com todas as licenças necessarias

A Maria Santissima Mãe de Deos e Senhora do Monte do Carmo. Senhora:

Prologo ao Devoto Leitor

Noticia breve sobre o autor

Licença do Santo Officio [17.9. 1745]

Licença do Ordinario [1.10. 1745]

Licença do Paço [13.11. 1745]

[XIII exercícios]

Breve resolução de algũas duvidas, que se podem offerecer nestes exercicios

Index [por vias]

BNP, R. 14807 P

⁶² Dado o seu péssimo estado, não foi possível consultar estes exemplares; apenas, por extrema gentileza dos Serviços da BNP, tivemos a dita de os contemplar para poder testemunhar a sua existência....

16 – Exercícios para formar y perfeccionar la vida espiritual. Escritos en Latin por el V. Nicolas Eschio y trasladados en romance por el Dr. Frey Josef Matamoros, Rector del Colegio de la Orden de Montesa.

[Vinheta]

En Valencia:

Por Joseph y Tomas de Orga.

Año MDCCLXXXVII

Con las licencias necesarias

Se hallará en Valencia en diferentes librerías⁶³

El tradutor al que leyere

§ I – Ocasión, y motivo de esta translacion

§ II – Noticia de la vida del Autor: motivo que tuvo para escribir este libro

§ III – Caracter y bondad de estos Exercicios: advertencia para su practica

y uso

[XIIII exercícios]

BNE, 3 / 23799

BHMV, BH DER /7032

PB,OFM, XVIII 2299

APÊNDICES

I

Traduções inéditas em português e espanhol dos Exercícios de Nicolás Eschio:

1 – [XIIII exercícios]

Breve resolução de algũas duvidas que se podem ofrecer nestes exercicios

Lira da transformação da alma com Deos⁶⁴ [texto original em espanhol]

BNP, ms. 5. 314

2 – [Fr. António das Chagas, OFM⁶⁵], Caminho da Salvação, arte de oração mental, traça pera emendar a vida

BNP, ms. VAR. 8.211

⁶³ PALAU, A. – *Manual del librero hispano-americano...*, V, p. 115, nº 81 778, regista, uma edição de Valência, José de Orga, de que não logramos localizar qualquer exemplar. Na edição seguinte, em 1787, não há, se mal não lemos, qualquer referência ou alusão a uma edição anterior.

⁶⁴ O título em português.

⁶⁵ PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Fr. António das Chagas...*, ed. cit., pp. 344- 377, identificou cabalmente o autor desta tradução.

3 – Siguen catorce ejercicios que con brevedad pueden transformar à un Alma en Dios y ponerla en el estado de perfección

BRAH (Madrid), M-RAH, 9/2338, fl. 82r –98v

Encadernado com Exercícios o meditações de la vida y passion de nuestro Señor Jesuchristo del Doctor Joan Thaulero [fl. 1-82v] e Meditações de mi Padre S. Augustin [fl. 101r-126v]. No final da tradução dos Exercícios de Tauler [fl. 81v] consta: «Fine n 4 de septiembre de 1606.

II

A – Edições não consultadas, mas com exemplares referenciados:

1

Exercícios Divinos Revelados al Vene. Nic. Eschio, y referidos por Laurencio Surio, Madrid, 1610

CCSB, nº 53

2

Exercícios divinos revelados...

Sevilla, Gabriel Ramos, 1621

BHN, I, p. 798.

JSA.BUF, II, 232

BCMVRZ, 4512

3

Exercícios divinos revelados...

México, Francisco Salbago, 1629

BNAH (F.C.), OOFN X.3.

BNCH, E.G. 5-64-1 (12)3

4

Exercícios divino revelados...

Puebla [México], Diego Fernandez de Leon, 1690

BNM, RSM 1690 P6SUR

TCWL, BX2186.E8 1690

CEHMC, 231.7SUR

B – Edições referenciadas de que não localizamos qualquer exemplar

1

Exercicios divinos revelados...

Valencia, 1612

Palau, XXVIII, p. 207, nº 377032

2

Exercicios divinos revelados...

Madrid, Mathias Clavijo, 16

Palau, XXVIII, p. 207, nº 377034

3

Exercicios divinos revelados....

México, Francisco Salbago, 1614

Palau, XXII, p. 336, nº 325710

4

Exercicios divinos revelados...

Madrid, 1665

BHN, I, 798

5

Exercicios divinos revelados...

Zaragoza, Juan Ibar, 1668

JSABUF, II, 232 J

J, Cejador y Frauca, Hist. de la Lengua y Literatura Castellana, IV, p. 205

Josef Matamoros, «Al que leyere», [v. ed. 1787, p. XII, nota]

6

Exercicios para formar la vida espiritual. Traducidos del latin por Fray Josef Matamoros

Valencia, José de Orga, 1772

Palau, V, p. 115, nº 81778

SIGLAS USADAS

- BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
- BHMV – Biblioteca Histórica Marqués de Valdecilla (Universidad Complutense Madrid)
- BHN – Nicolás Antonio, Bibliotheca Hispana Nova, Madrid, Joaquín Ibarra, 1783
- BCMVRZ – Biblioteca Conventual del Museo Virreinal de Zinacantepec (Méjico)
- BMONSERRAT – Biblioteca Monasterio de Monserrat (Barcelona)
- BMJF – Biblioteca Municipal de Jerez de la Frontera
- BNAH. FC – Biblioteca Nacional de Antropología e Historia – Fondo Conventual (México)
- BNCH – Biblioteca Nacional de Chile
- BNE – Biblioteca Nacional de España
- BNM – Biblioteca Nacional de Méjico
- BNP – Biblioteca Nacional de Portugal
- BPADÉ – Livros impressos no século XVI existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora – I – Tipografia Portuguesa, Junta Distrital de Évora, 1964
- BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto
- BPUM – Biblioteca Pública e Universitária de Braga
- BSCM – Biblioteca de Seminario Conciliar de Madrid
- CCSB – A Catalogue of a singularly curious and intersting collection of Spanish Books, contains many Works of extreme rarity [...] sold by auction by Mr. Sothebby, at his house, N° 3, Wellington Street, Strand, on Thursday, January 20, 1825...
- CEHMC – Centro de Estudios de Historia de México Carso
- CNACIMIENTO – Obras completas, Editorial Espiritualidad, Madrid, 1971
- JSABF – Juan de San Antonio, Bibliotheca Universa Franciscana, Madrid, Typographia Causae V. Matris de Agreda, 1732
- LCSFSC – Biblioteca del Convento de S. Francisco – Biblioteca Provincial – Santiago de Compostela
- SyLL Subasta 18.4.2013, nº 293 – Soler y LLach. Subasta 18.4.2013 – Biblioteca Cinégetica, libros y papel antiguo, Barcelona, 2013
- MDREALES – Biblioteca del Monastero de las Descalzas Reales (Madrid)
- MSC – Monasterio de Santa Catalina (Alcalá de Henares)
- PALAU – A. Palau y Dulcet, 1948-1977, Manual del librero hispano-americano, Barcelona

PB,OFM – Biblioteca de la Provincia Bética, OFM

RBM – Real Biblioteca (Madrid)

UAP – BHJML – Benemérita Universidad Autónoma de Puebla – Biblioteca
Histórica José Maria Lafragua (México)

UCSD – University of California, San Diego Library (US)

Artigo recebido em 25/07/2019

Artigo aceite para publicação em 15/09/2019.